

Coletânea de crônicas 2013



Miguel Guggiana

Organizador

Anelise Rech | Dilse Piccin Corteze e Vera Lúcia Dalbosco

Diego Chimango | Heleno Damian | Hilton Araldi

Júlio Perez | Leonardo Nunes Nunes | Lindolfo Kurtz

Lucas Scherer | Luiz Juarez | Marco Antonio Damian

Meirelles Duarte | Odilon Garcez | Paulo Monteiro

Tânia Du Bois | Xiko Garcia

O que é crônica? Um conto, um caso, rememora a história, contém notícia? A crônica é isso e mais - um gênero-ônibus que abarca quase tudo. Basta o autor escrever algo em ordem cronológica, emitir opinião no texto e, pronto, é crônica. Os outros gêneros precisam de uma definição clara, presos aos grilhões das regras literárias. A crônica já nasceu alforriada. Produzi-las resulta em um retrato do raciocínio do autor. Lê-las é introduzir-se em um universo a parte. Surgiu com a escrita e, no Brasil, assim como o arroz e o feijão, abraçaram-se fundindo o ensaio como o folhetim. Ou seja: há o raciocínio sobre um tema e a ficção em uma mistura apetitosa e varonil.

O cotidiano, aliás, é o que mais se sobressai na crônica. Para ela tornar-se eterna, precisa de uma reflexão atemporal, um estilo mais perspicaz e, pronto, permanece. Dizendo assim, parece mais fácil que fazer bife na chapa. Ilusão. O simples nasce do que um dia foi complexo. Essas crônicas, aqui apresentadas, também são assim e oferecem ao leitor um pouco desta cidade que orgulha-se em ser Capital Nacional da Literatura.

Abanque-se e prepare um mate para abrir o apetite e deguste essas crônicas destes 18 autores que cozinham com tanto esmero ideias e conceitos. Aqui há iniciantes, veteranos e membros da Academia Passofundense de Letras, em uma feijoada literária saporosíssima.

Experimente-as e você, leitor, talvez até anime-se por também cozinhar suas próprias crônicas.

Bom apetite.

Leandro Dóro

MIGUEL GUGGIANA (ORG.)
ANELISE RECH
DILSE PICCIN CORTEZE e VERA LÚCIA DALBOSCO
DIEGO CHIMANGO
HELENO DAMIAN
HILTON ARALDI
JÚLIO PEREZ
LEONARDO NUNES NUNES
LINDOLFO KURTZ
LUCAS SCHERER
LUIZ JUAREZ
MARCO ANTONIO DAMIAN
MEIRELLES DUARTE
ODILON GARCEZ
PAULO MONTEIRO
TÂNIA DU BOIS
XIKO GARCIA

Coletânea de Crônicas 2013



Acrílica sob tela – Paris – Silvana Oliveira



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

MIGUEL GUGGIANA (ORG.)
ANELISE RECH
DILSE PICCIN CORTEZE e VERA LÚCIA DALBOSCO
DIEGO CHIMANGO
HELENO DAMIAN
HILTON ARALDI
JÚLIO PEREZ
LEONARDO NUNES NUNES
LINDOLFO KURTZ
LUCAS SCHERER
LUIZ JUAREZ
MARCO ANTONIO DAMIAN
MEIRELLES DUARTE
ODILON GARCEZ
PAULO MONTEIRO
TÂNIA DU BOIS
XIKO GARCIA

Coletânea de Crônicas 2013

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Crônicas, -Passo Fundo:Projeto Passo Fundo, 2013.
116p.; 21 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença **[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3.0 Nao Adaptada](#)**.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelos Autores em: 24/06/2013

C694 Coletânea de crônicas 2013 [recurso eletrônico] / Miguel Guggiana (org.) ; Anelise Rech ... [et al.]. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-010-3

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiros.
I. Guggiana, Miguel, coord. II. Rech, Anelise.
III. Título.

CDU: 869.0(81)-94

APRESENTAÇÃO

Quando aceitei o convite do Projeto para ser o organizador desta coletânea, passado o receio inicial de não conseguir dar conta do recado, minha primeira tarefa foi fazer a leitura de cada crônica publicada. Ao realizar essa busca, pude verificar que, apesar da variedade de estilos e até de gerações dos autores, todos os textos tinham algo em comum: o fato de retratarem cenas, cenários e/ou personagens que, de uma forma ou de outra, se tornaram ícones da nossa cidade. Diante disso, surgiu a ideia: por que não *Passo Fundo em crônicas*?

Assim, ciente da dificuldade de estabelecer a linha tênue que separa a crônica do conto, reunimos nesta coletânea textos de ficção, não ficção, jornalismo e até de literatura fantástica, subgênero mais moderno – arrisco dizer –, compondo um conjunto representativo da qualidade dos escritos de nossos autores.

Querem mais? Sugiro lerem o que nos antecipam a Sueli Ghelen Frosi, o Telmo Gosch e o Leandro Dóro... E depois, é claro, os textos propriamente ditos.

Um bom passeio por *Passo Fundo em crônicas*!

O organizador
Miguel Guggiana



PREFÁCIO

Este livro é editado em uma Passo Fundo diferente da retratada pelos escritores desta coletânea. Ele é um simbólico ponto de partida, pois o que os autores trazem são memórias, cuja riqueza deixa o leitor preso de forma inexorável.

Encontramos aqui, em passeios guiados por uma diversidade de escritores, o que é a nossa cidade, do que ela é constituída, onde ela foi fundamentada. Conseguimos conhecer lugares e pessoas através das crônicas de homens e mulheres com quem convivemos e que sabemos antenados com o que é atual, mas que se mostram depositários de memórias e, por isso, constroem cultura.

Os textos são uma plataforma que expõe ao leitor acontecimentos conhecidos, trazidos à luz com rigor histórico, embora aqui e ali, deixe transparecer a compaixão do autor, frente ao sofrimento que relata. Há aqui textos de homens e mulheres que conseguiram o que a crônica faz por excelência: mostrar algo, usando palavras ao invés de fotografias. E mostraram com maestria.

A coletânea não é feita só de história, mas de muitas outras formas de retratar-nos. Os passeios pelo imaginário fantástico são marcantes, assim como os relatos dos personagens bizarros e folclóricos que pisaram nossas terras. É com muito humor que os Capas Pretas são trazidos, embora tenham sido o terror da cidade por um bom tempo.

A voz rouca de Maysa, as normalistas, o footing da General Neto, o uísque com guaraná estão bem aqui, ao alcance dos olhos, ao folhar das páginas. Encontramos também bares, salas de cinema, ruas e praças, que são percorridas alegremente por elegantes senhores, moradores de prédios de concreto, onde havia palacetes.

As páginas progridem sem subestimar o leitor, pois trazem um povo e sua intrépida passagem pelas praças e ruas, parando bem à porta das nossas lembranças mais caras.



Haverá quem sorria ao pisar no Bar Oásis, haverá quem se emocione de saudade de tantas personalidades aqui resgatadas e haverá quem constate que ajudou de forma substantiva a construir uma grande cidade.

Sueli Gehlen Frosi

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO.....	9
Sumário.....	11
ANELISE RECH.....	13
Meu amor pela Feira do Livro.....	13
DILSE PICCIN CORTEZE e VERA LÚCIA DALBOSCO	17
Preservando a memória dos marcos históricos do Pulador.....	17
DIEGO CHIMANGO	25
Fredolino Chimango	25
HELENO DAMIAN	29
O FORUM DE PASSO FUNDO.....	29
HILTON ARALDI.....	31
UNIÃO GAÚCHA - PRIMEIRA ENTIDADE TRADICIONALISTA DO RS	31
JÚLIO PEREZ.....	33
JC E NÓS	33
LEONARDO NUNES NUNES	35
Vagas reminiscências por sobre o Rio Passo Fundo.....	35
LINHA: P.F. – HADES	41
LINDOLFO KURTZ.....	46
Os Capas-Pretas	46
LUCAS SCHERER	48
A versão hollywoodiana de um mito do futebol gaúcho	48
LUIZ JUAREZ	54
Memórias da nossa praça	54
Aldo Battisti e a confraria do Bar Oasis.....	58
A Praça Marechal Floriano e seu perdido esplendor	61
MARCO ANTONIO DAMIAN.....	63
Simplesmente Guigota	63
A Viagem	66
A TRAGÉDIA DO VÔO 280.....	71
MEIRELLES DUARTE.....	74
O jubileu da graça da Irmã Maria Gregórie	74
MIGUEL GUGGIANA.....	78
As normalistas do Notre Dame.....	78
“O Bar do Moa morreu...”.....	83



ODILON GARCEZ	87
A Casa Branca de Lalau Miranda.....	87
Tucanos em convenção.....	90
PAULO MONTEIRO	92
As Origens da Universidade de Passo Fundo.....	92
O passo-fundense que revolucionou o Brasil.....	96
A maldição dos corpos-secos e os jovens escritores.....	102
TÂNIA DU BOIS.....	106
Vida e Poesia: Ziza Trein.....	106
XIKO GARCIA.....	108
Praça Marechal Floriano: Poesia... História e Estórias... ..	108
POSFÁCIO	111



ANELISE RECH¹

Meu amor pela Feira do Livro

Primeiro dia da Feira do Livro de Passo Fundo. Eu, como sempre, doida por Feira do Livro... mas este ano fiquei um pouco triste, já que, na hora da homenagem à Coleurb como amiga do livro, estaria no meu horário de trabalho...

Pela manhã, passei pela Feira, literalmente, pois estava no meu caminho ... pude apenas ver o pessoal das livrarias se organizando, outras pessoas fazendo um painel (que ainda não descobri o que é, a que instituição pertence), vi também os funcionários da prefeitura pintando o meio-fio de amarelo, sinalizando que ali aconteceria algo importante, vi a barraca dos crepes, o ônibus do SESI,... isto que era só o meu caminho... só estava de passagem, como a terra de passagem Passo Fundo... tinha música, tinha alguém se apresentando no palco, não pude definir que escola ou grupo era... apenas passei.

No intervalo do almoço, meia hora antes de entrar no trabalho, fui à Feira novamente, agora com a intenção de aproveitá-la melhor... fui diretamente à estante dos lançamentos, lá encontrei a Martha Medeiros , o Içami Tiba. O David Coimbra, a Lia Luft... Fiquei ali por alguns instantes e comecei a ler um pouco de cada um destes livros, algo que pudesse me inspirar a vida naquele momento, estava precisando ler alguma coisa que batesse aqui dentro e abrisse novos horizontes. Encontrei, mas não foi o suficiente, pois o relógio da cathedral deu o sinal e fui-me embora... deixando para trás os livros e as minhas breves leituras...

¹ Anelise Rech é psicóloga e poetisa



Às dezoito horas, havia uma empresa para visitar e lá fui eu, pelos caminhos da Praça Marechal Floriano... (a minha vontade era ficar naquelas cadeiras e assistir à abertura da feira, afinal, as minhas queridas Coleurb e a dona Santina Dal Paz seriam homenageadas... além de todas as outras atrações, o lotti como patrono, que legal seria vê-lo, pensei), mas estava trabalhando, então apenas passei pela Feira, olhei para os lados, agora o movimento estava maior, não tinha mais o cheiro das tintas dos meios-fios... Mas os livros e outras manifestações culturais estavam ali.

No palco, as crianças locavam violinos. As autoridades, sentadas, esperavam o momento de subir ao palco. Outras personalidades estavam na Feira, secretários municipais, vice-reitores, organizadores... todos por ali. Eu passava pela calçada, vi a Verônica, Relações Públicas da Coleurb, chegando, se aproximando... E eu passando, nem tão triste, mas passando.

Enfim, fiz o meu trabalho e voltei pela Feira, era meu caminho! Ainda na calçada da praça, na Independência, pude escutar o Hino Nacional. Pensei: Meu Deus. está começando! Eu não podia fazer nada. a não ser passar por ali e seguir o meu rumo. Foi quando me deparei com uma situação não muito boa: o pessoal da Feira cantando o hino, imóveis, e eu caminhando pela calçada. Não foi por mal, meus queridos! A Feira está na rua, também não foi falta de respeito, até cantei um pedacinho com vocês, mas o meu dever me chamava e minha consciência não me deixaria ficar uns minutinhos ali (será que deixaria? Agora, passadas as horas, acho que sim, pela Pátria se faz tudo, ou quase!).

Bem, pensei, se a Feira está na praça, então ela se mistura ao movimento da cidade, ela se mescla com pessoas trabalhando, sinaleiras abrindo, carros passando... Mas:

O mais importante disso tudo é que o livro está na praça, vamos comemorar!!!!



Entre músicas, pássaros, poesias, crônicas, contos, humor, teatro, dança, a vida está em movimento. Se alguns reclamam que não alcançam o amor (como no livro que vi na estante: Deixe o amor alcançar você), pelo menos os livros estão ao alcance de todos!

Boa leitura e ótima Feira do Livro!
(09/11/2005)



DILSE PICCIN CORTEZE e VERA LÚCIA DALBOSCO²

Preservando a memória dos marcos históricos do Pulador

Por ocasião de mais um aniversário da Batalha do Pulador, ocorrida em 27 de junho de 1894, é importante resgatar outros aspectos do referido enfrentamento onde federalistas e republicanos lutaram por longas horas, do que resultou em grande número de mortos e feridos. Os marcos históricos estão no local para preservar a memória desse acontecimento, de um período onde o então Estado do Rio Grande do Sul se organizava politicamente sob o novo governo republicano. São dois marcos, construídos alguns anos após o término da batalha, um de frente para o outro e idealizados por grupo de elites dominantes na época, e representam as duas facções envolvidas no conflito, para que o fato jamais seja esquecido.

Em Pulador, local onde ocorreu uma das grandes batalhas da Revolução Federalista de 1893, encontram-se dois marcos históricos. Conforme observações, ambos estão localizados em pontos estratégicos, voltados para si e representando as duas forças revolucionárias que combateram, por mais de 6 horas, no antigo Campo dos Mellos.

Na referida batalha se chocaram as forças de Gumercindo Saraiva e as de Prestes Guimarães, pela parte do governo, contra os soldados do General Lima, Firmino de Paula e Coronel Santos Filho, representando as forças federalistas. Restaram deste combate mais

² Dilse Piccin Corteze é mestra em história regional pela UPF. Professora da rede particular de ensino. Autora do livro *Ulissesva in América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no RS. - (1875 - 1914)*.

Vera Lúcia Dalbosco é especialista em história regional pela UPF. Professora de rede municipal de ensino. Co-autora do livro *Visões da historiografia do Planalto Rio-grandense (1981-1995)*.



de 1.000 mortos e outros tantos feridos (cf. Ghem, 1977, p.133, 3º vol.). Segundo historiadores, esta foi uma batalha sem vencedores nem vencedores.

Um dos marcos, voltado para o oeste, contém as seguintes inscrições: "Grande batalha de 27 de junho de 1894 -Posição forças revolucionárias– Thomas Canfield - 22-03-98". Junto às inscrições há alguns símbolos: uma cruz e um compasso. No outro monumento, voltado para leste, está escrito: "Grande batalha de 27 de junho de 1894 - Posição forças do governo - Thomas Canfield - 24-02-98". Na lápide encontram-se, como no marco anterior, os símbolos: cruz e compasso.

Conforme o historiador Ney [DAvila](#), estes marcos foram inaugurados oficialmente em 1900 e em dias diferentes. Um, no dia 23/02 e o outro no dia 24.02.1900. Esta diferença de data de inauguração, segundo o historiador, é compreensível pois "os mútuos ódios e ressentimentos ainda eram muito fortes naquele momento". Abaixo da base de cada monumento teria havido, conforme D'Ávila, um depósito selado por uma pedra contendo documentos e jornais da época, além de vários textos tratando do significado do evento (D'Ávila, 1998). Resta saber onde este material está, com quem se encontra e se ainda existe.

Hoje, os dois marcos históricos localizam-se a mais ou menos 100 metros do local onde foram originalmente colocados. A troca do local deu-se em 15 de maio de 1988, durante o governo de Fernando Machado Carrion, com a colaboração da Maçonaria e do Exército. O motivo da troca de local, segundo entrevista concedida pelo Pe. Moisés Mocellin, em 11/06/2004, foi por razões práticas. Estavam localizados no meio de uma lavoura e para preservá-los foram colocados num ponto mais próximo da estrada.

Os monumentos originalmente esculpidos por Thomas Canfield em pedra de arenito, após a mudança de lugar, foram abrigados cada um em uma capelinha. Junto aos monumentos encontram-se duas placas. Na primeira está escrito: "Obra realizada na administração Eng. Fernando



Machado Carrion, com a colaboração das lojas maçônicas Luz do Planalto, Concórdia do Sul, Antonino Xavier e Estrela do Planalto. Pulador, 15 de maio de 1988". A segunda placa, colocada por ocasião dos 100 anos da batalha, contém os seguintes dizeres: "Governo Municipal, a Universidade de Passo Fundo e a comunidade, registram o centenário dos dias tristes da Batalha do Pulador. 1894 - 1994, Governo Municipal: Osvaldo Gomes, Júlio Teixeira, Reitor de UPF, Pe. Elydo Alcides Guareschi. Passo Fundo, 27 de junho de 1994".

Com relação aos símbolos existentes nos marcos históricos, após entrevistas e leituras bibliográficas, pudemos concluir que o esquadro e o compasso, com certeza, representam a maçonaria, apesar de haver algumas divergências historiográficas quanto à ligação destes com os maçons. Canfield, autor do marco, tinha origem maçônica comprovada. Eliane Colussi, em sua obra *A maçonaria gaúcha no século XIX*, salienta que, a partir de Morivald Calvet Fagundes, a maçonaria teve relacionamento íntimo com o movimento revolucionário de 1893. Para a autora, os marcos localizados no município de Pulador e inaugurados pela Loja Maçônica Concórdia do Sul, seriam um exemplo da ligação deste grupo com os símbolos. Referindo-se aos marcos, Calvet na obra: *Os Maçons: vida e obra*, diz que a "maçonaria local vem preservando e reverenciando devidamente os dois marcos históricos que ali foram erguidos, em memória dos nossos bravos de 1893/95, não só por essa razão fundamental, mas também porque eles foram ali plantados evidentemente por maçons, já que ambos contêm o símbolo maçônico do esquadro e do compasso" (Fagundes, 1991,p.213).

O termo "posição forças" gravado nos dois marcos históricos, significa que a posição ocupada por cada um seria de ataque ao inimigo, respectivamente - federalistas contra republicanos — frente a frente, representada por dois monumentos.

Muitos monumentos e marcos históricos são construídos no decorrer dos tempos com a finalidade de rememorar acontecimentos na história dos homens. Alguns deles, com significados e influências distintas para cada grupo social ou pessoa. Estão aí para que a humanidade, ao



olhá-los, possa refletir sobre os fatos do passado e o que eles representam, tornando-os por exemplos a serem seguidos ou a serem evitados.

Segundo Wolfgang Hardtwig, um historiador alemão, os monumentos condensam um determinado significado da história através da simbolização visual, trazem à recordação uma determinada forma que é produzida e organizada pelo saber social. O discurso do monumento tematiza a pergunta pela suficiência e utilidade do saber social e, com isso, a pergunta pelas oportunidades e carências de uma determinada ordem política e social. Por serem instituídos, na maioria das vezes, pelas elites de uma determinada sociedade, eles acabam exercendo o papel simbólico muito mais de legitimação do que de crítica, no interior de uma determinada sociedade. Desde sempre a memória do monumento está ligada a personalidades e grupos, os quais representam, com o próprio monumento, suas ações ou ideias de valor. Eles se referem ao passado, mas eles dizem tanto sobre o passado como sobre a época em que o monumento é instituído. (1997,p.750-751).

Para pensar os marcos do Distrito de Pulador, temos que ter em mente não só o conflito, mas também o momento em que foram construídos para podermos entender sua significação. E de consenso entre os historiadores que a Guerra Federalista e, aqui em Passo Fundo, o Combate do Pulador, gerou, além da violência e das mortes, grandes conflitos e ressentimentos entre os representantes das duas facções. Conflitos até hoje ainda não sanados e evidentes quando se percebe pessoas visitando um, e não outro o marco (cfe. Entrevista feita ao Pe. Moisés Mocellin). Salmara Colussi, em artigo publicado por ocasião da data dos 100 anos da Revolução, cita o médico Jorge Armando Salton, autor do livro Milan Miragem. Este afirma que o momento serve para "refletir sobre as disputas humanas que devem ser sempre lembradas, para repensar o assunto e tentar criar como modelo de herói, não aquele que matou cem pessoas, mas sim, aqueles que superaram a crise(...). A geração pós- conflito é que foi a mais heroica" (O Nacional,27/06/94). Antonino Xavier, historiador, autor de várias obras sobre Passo



Fundo e referência a outros historiadores, salienta que, terminada a Revolução Federalista, Passo Fundo parecia um deserto. Para o historiador, após os combates a cidade ficou deserta e, nos lugares daquelas confortáveis fazendas, viam-se apenas destroços de uma devastação enorme.

Os dois "obeliscos" do Pulador, idealizados, segundo Calvet, pelos maçons, "revelam o impacto que a revolução exerceu sobre a maçonaria gaúcha, uma verdadeira guerra civil entre irmãos" (Colussi, 2003, p.246). Ao mesmo tempo que carregam consigo o objetivo de louvor aos heróis que lutaram por uma causa, encerram em si a ideia de minimizar os conflitos e apaziguar os ânimos entre as duas forças que, embora de facção política diferente, comungavam de ideais maçons comuns.

Delma Rosedo Gehm, ao se referir ao cinquentenário do movimento de 1893, transcreve o convite para os festejos. O mesmo chama a atenção para os ideais de heroísmo dos chefes das facções, quando descreve que se faz para homenagear, "a memória destes heróis, que souberam honrar e dignificar a virtude de um povo" (Gehm, 1977, p.134). Aqui está presente o ideal de heroísmo daquele que lutou em defesa do seu país ou estado.

É preciso se perguntar, no entanto, quem foram os heróis, nesse terrível e combate. Quem são os sujeitos que no geral são lembrados? Seriam apenas os chefes que defenderam determinadas facções políticas? Onde ficam aqueles anônimos que tiveram papel importante durante e depois da revolução?

Ao se referir aos federalistas, o médico Ângelo Dourado, nas suas narrativas sobre a guerra, afirma que os mesmos dispunham de poucos recursos e as mulheres tiveram papel importante. Eram elas que davam os socorros, fazendo ataduras e tratando os soldados necessitados. Assim descreve o médico: "(.-) nada tínhamos para curá-los, recorri às mulheres e elas deram-me não só fazendas brancas que tinham, como alguma roupa branca, (sic) e eu encarreguei-as de fazerem ataduras" (Dourado, 1992, p. 250).



Além disso, as mulheres tiveram outros papéis ativos durante e no pós-guerra. Foram assumindo as incumbências antes desempenhadas exclusivamente por homens. Tiveram que assumir a proteção dos filhos, a produção e a administração geral da propriedade, enquanto seus maridos e filhos estavam na guerra. No pós-guerra, viúvas foram obrigadas a recolher e enterrar seus familiares e prosseguir as lidas do dia-a-dia, sozinhas, com filhos menores para criar. Segundo Sallon, terminada a guerra, "as mulheres da cidade, vítimas dos combatentes, reuniam-se para cumprir um ritual macabro": enterrar seus mortos quase em estado de putrefação. "Muitas delas passaram a viver em grupos para poder criar e sustentar seus filhos" (O Nacional, 27/06/94).

Para frente da batalha marchavam peões, ex-escravos e imigrantes aliciados à força pelas duas facções, tanto federalista como republicana, conduzidos para a batalha sob pena de terem suas propriedades destruídas e incendiadas seus familiares mortos. Era morrer ou morrer. Em relato, Padre Mocellin afirma ter ouvido pessoas ligadas à batalha do Pulador dizerem que foram trazidos, por Gumercindo Saraiva, para lutarem no referido confronto, imigrantes de origem polonesa, recém chegados ao Brasil. Esses imigrantes eram colonos em Santa Catarina, na localidade de Mafra e não sabiam falar a língua portuguesa.

A grande maioria dos soldados envolvidos na batalha eram caboclos sem nenhuma instrução ou ideologia. Lutavam fielmente ao lado do chefe sem conhecer os ideais por que lutavam. Diante deste quadro, a Revolução Federalista de 1893 pode ser caracterizada como um movimento de elite para elite. A elite federalista lutava com a elite governista por mais poder político. O exército de Júlio de Castilhos contra as tropas de Gaspar Silveira Martins lutavam por ideais políticos e interesses econômicos dos grandes latifundiários, dos quais a maioria dos soldados não tinha conhecimento.

A história não pode esquecer os muitos que sofreram nos embates da guerra. Os feridos transportados para outros locais de combate, "amontoados nas carretas, sem coberturas, sem poderem se mover. Gemidos e lamentos, e um frio intenso que cobria o campo de geada, os



caminhos maus, a noite (sic) escura, as carretas dando saltos e em cada salto os gritos dolorosos dos infelizes companheiros" (Dourado, 1992,p.254).

Ao final da Batalha do Pulador restaram, segundo Mocellin, muitos mortos para serem sepultados. Esta tarefa coube a "um caboclo, morador próximo ao rio da Várzea, pois os soldados não tinham tempo para perder" com a tarefa (cfe. Entrevista feita ao Pe. Moisés Mocellin).

Segundo o técnico agrícola Carlos Leandro Lacourt, proprietário da Fazenda Tropeiro Camponês e idealizador de um projeto turístico no Pulador, em entrevista concedida em 13/06/2004, o local antes esquecido, hoje congrega pessoas vindas de todo o Brasil. Os visitantes querem ver onde seus antepassados perderam a vida, e pedem graças a esses heróis; são rezadas missas, velas são acesas e são feitos pedidos às almas de tantos que morreram em batalha.

Bibliografia

COLUSSI, Eliane Lúcia. A Maçonaha gaúcha no século XIX. 3ª ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

COLUSSI, Salmara. Cem Anos do combate sangrento. O Nacional. Passo Fundo, junho de 2004.

DÁVILA, Ney Eduardo Possap. Os Marcos da Batalha do Pulador. O Nacional, Passo Fundo, Fev. 1998.

DOURADO, Ângelo. Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893. Ed. Fac. Similada de 1896. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1992.

FAGUNDES, Morival de Calvet. Os Maçons: vida e obra. Rio de Janeiro: Aurora, 1998.



CEHM, Delma Rosendo. Passo Fundo na revolução de 1893. Passo Fundo: João B.M. Freitas, 1977. Passo Fundo Através do tempo (3º voi.). Diário da Manhã, Passo Fundo: 1982.

GUIMARÃES, Antonio Ferreira Prestes. A Revolução Federalista em cima da Serra. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

HARDTWIG, Wolfgang. Denkmal. In: Bergmann, et. Alli. Handbuch Ceschichitsdidaktik. Hannover: Kallmeyersche, 1997.

MACEDO, Vera Lúcia Silveira. A violência na Revolução Federalista de 1893 e a Batalha do Pulador. 1994. Monografia (Especialização em História) - Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 1994.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. Annaes do Município de Passo Fundo (Corel. Marília Mattos). Passo Fundo: Gráfica Ed. UPF, 1990.

Entrevistas

Pe. Moisés Mocellin, 11/06/2004. Técnico Agrícola Carlos Leandro Lacourt, 13/06/2004.



DIEGO CHIMANGO³

Fredolino Chimango

Um passo-fundense da Segunda Guerra Mundial

Ao passar pela Rua Teixeira Soares, em frente as antigas instalações do Quartel do Exército, onde há um estádio chamado Fredolino Chimango, muitos passo-fundenses devem indagar a si próprios sobre quem foi este homem. Infelizmente, a grande maioria dos munícipes desconhece a importância desta ilustre figura. Foi ele um dos bravos soldados brasileiros que lutou nos campos da Itália para conter o avanço das tropas nazistas no mundo. Existem poucos registros sobre sua vida, e muitos mistérios circundam sua morte.

Gaúcho, nascido em Passo Fundo a 19/04/1921, Fredolino Chimango era o 2º filho de uma família de 11 irmãos, filho de Edmundo Chimango e Gabriela Francisca da Silva Chimango. A humilde família de agricultores residia no interior do município, e Fredolino estudou em uma escola existente na localidade denominada Rio do Peixe. Mais tarde, o jovem mudou-se com a família para o distrito de Água Santa, onde trabalhou nos Engenhos Scheleder e Busquirolo. Segundo o relato do Sr. Miguel Chimango, 76 anos, irmão de Fredolino residente em Passo Fundo, o jovem apresentou-se como voluntário no serviço militar no 8º Regimento de Infantaria em Passo Fundo, antes mesmo de completar 18 anos. Assim que alcançou esta idade, foi convocado para servir em Quaraí (RS), em

³ Amante do conhecimento, dedica-se à pesquisa histórica de Passo Fundo e Rio Grande do Sul. Colaborador do Projeto Passo Fundo, Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo. Diretor de redação do Jornal e Revista Sonar. Publica o portal Planeta Grenal, revista Água da Fonte (APL), e edita o periódico do Hospital Beneficente Dr. César Santos.



seguida para São João Del Rei (MG) e, finalmente, para o Rio de Janeiro (RJ), onde ficou por mais de um ano. Após o cumprimento do serviço militar obrigatório, o jovem Fredolino retornou para o seio de sua família, trabalhando como serralheiro em sua terra natal.

Enquanto isso, os horizontes foram enegrecendo com o início da Segunda Guerra. Sob o comando de Adolf Hitler (Alemanha) e Benito Mussolini (Itália), o avanço do Eixo iniciou massacre de 65 milhões de judeus, fazendo também inúmeras vítimas em todo o mundo. De 1939 a 1941, o Brasil permanecia apenas como fornecedor de subsídios para ambas as potências envolvidas no conflito. Naquela época, o Brasil vivia a Ditadura do Estado Novo, instituída por Vargas, que possuía vários pontos semelhantes à ditadura fascista; em contrapartida, o país dependia economicamente dos EUA, ferrenhos inimigos do Eixo. Esse quadro se manteve até a manhã de 06/12/1941, quando os japoneses atacaram a Base Norte-Americana de Pearl Harbor, provocando o ingresso dos EUA na guerra. Um mês depois, em um congresso das Repúblicas Americanas no Rio de Janeiro, o ministro Oswaldo Aranha anunciou o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A atitude revoltou o ditador alemão Adolf Hitler, que desencadeou uma ofensiva submarina na costa brasileira, naufragando 5 navios e 31 barcos da marinha mercante brasileira. No dia 22/08/1942, irrompeu no rádio o prefixo do Reporte Esso, transmitindo à nação brasileira a declaração do Estado de Guerra contra Alemanha e Itália. Assim, o Brasil ingressou na Segunda Guerra Mundial, unindo-se aos EUA, França e Inglaterra. Houve uma mobilização intensa em todo o país, e foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), força militar que integrou 25.300 homens aguerridos que lutaram nos campos de batalha do Velho Mundo. O exército brasileiro passou a convocar os soldados da ativa e também os recrutas já dispensados que ainda fossem solteiros.

Desta forma, o Cabo Fredolino Chimango foi chamado para incorporar-se à 1ª Divisão de Infantaria do Exército, mas sua convocação não chegou a tempo pelo mesmo residir no interior de Passo Fundo.



Porém, sabedor de seu dever patriótico, Chimango deixou o seio de sua família e apresentou-se ao Exército, seguindo para o Rio de Janeiro e, finalmente, embarcando num navio em 20/09/1944 junto à segunda leva de homens que envergaram a farda verde-oliva nos campos de batalha italianos. O Sr. Miguel Chimango, relembrou a presteza e o notável carinho que o rapaz tinha por seus familiares: *“Tratava-se de um rapaz muito inteligente, dono de uma personalidade incrível”*. Num relato emocionante, Miguel rememorou o momento da sentida despedida dos familiares. *“Foram muitos os pedidos de minha mãe para que o filho querido não fosse para a guerra, parece que ela pressentira o que aconteceria mais tarde. Na despedida, ao abraçar nossa mãe, Fredolino proferiu estas palavras: ‘Mãe. Prometo enviar-lhe cartas todas as semanas. Tu estarás sempre no meu coração, assim como meu pai e meus irmãos. Mas se um dia... se um dia sentires que as cartas não chegarão mais, é porque teu filho tombou defendendo nossa pátria. Porém, estejas certa de que tu estarás presente nos meus pensamentos até o último instante”*. Infelizmente, o presságio de dona Gabriela consumou-se tempos depois. O Cabo Fredolino Chimango, Id. 1G-293658 - Classe 1919, integrante do 11o. Regimento de Infantaria, lutou bravamente nas batalhas de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese.

“As cartas sempre contavam as passagens vividas por meu irmão na Itália de Mussoline, e minha mãe ansiava por notícias todas as semanas. Porém houve um dia em que as cartas não mais chegaram, o que não desesperançou Dona Gabriela”, contou Miguel. No dia 16/04/1945, o pracinha foi dado como desaparecido. A notícia consternou seus familiares, que, para poupar o coração da mãe do emérito herói, optaram por não dar a informar-lhe sobre o desaparecimento do filho querido. Lamentavelmente, Dona Gabriela veio a falecer pouco tempo depois, sem saber que seu filho havia tombado em combate. Anos depois, foram encontrados os restos mortais do pracinha. Contam-se várias histórias acerca do desfecho da vida do pracinha. Uma das versões dá conta de que Fredolino fora vítima de uma rajada de balas na batalha de Montese no dia 14/04/1945. Conta-se também que, um cidadão italiano



encontrou o corpo do soldado e cuidou de seu funeral. Outro relato afirma que, quando encontrado, Fredolino Chimango estava vivo, mas devido à gravidade de seus ferimentos veio a falecer. Segundo Noêmea Chimango Mileski, 78 anos, irmã do pracinha, este fazia parte de uma equipe que desarmava minas terrestres, e numa destas tarefas a explosão de um artefato tirou a vida do irmão.

A morte de Fredolino Chimango é cheia de mistérios e lendas, as quais geram diversas perguntas até hoje sem respostas. Em 1955, foram transladados os restos mortais dos heróis brasileiros, da Itália para o Brasil, onde repousam no Monumento aos Expedicionários, no Rio de Janeiro. Porém, há uma gaveta vazia neste mausoléu, pois na época uma família reclamou os restos do pracinha Fredolino Chimango, impedido seu sepultamento em seu país de origem. O pedido desta família foi atendido sem grandes interferências da família. Hoje, o passo-fundense é o único pracinha brasileiro que permanece repousando no cemitério em Pistóia, representando sua pátria no espaço reservado em memória aos combatentes. Neste local, todos os dias, é hasteada a bandeira verde-amarela, em sinal de reverência ao aguerrido expedicionário.

O pracinha passo-fundense foi agraciado com as medalhas de Campanha e Cruz de Combate de 2ª Classe, em virtude da honrosa atuação na Segunda Grande Guerra. Em sua homenagem, existem em Passo Fundo uma escola no Bairro Jaboticabal e um estádio na Rua Teixeira Soares. Neste estádio, há um monumento simbolizando um projétil de fuzil, o qual também leva seu nome. Na figura deste jovem, são homenageados todos aqueles que exerceram seu espírito patriótico em favor da liberdade, em especial aos 457 febianos que tomaram em solo italiano. Fredolino Chimango, é mais um dos filhos da Capital do Planalto Médio que orgulham e fazem desta terra de passagem um verdadeiro marco histórico do Brasil.



HELENO DAMIAN4

O FORUM DE PASSO FUNDO

No próximo dia 23, às 18h, será inaugurado o novo edifício do Foro de Passo Fundo, na Rua Coronel Chicuta, 310. Este funcionará interligado ao edifício atual, na Avenida General Neto, 486.

Informa o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira que a Comarca de Passo Fundo foi instalada a 07 de setembro de 1875.

O Pai da nossa História, no entanto, nos seus apontamentos, não indica a localização do Forum.

Na vigência do Império é provável que funcionasse junto à Casa da Câmara, localizada na Avenida Brasil, antiga Rua do Comércio, e que foi demolida para a construção do Colégio Notre Dame.

Antigos exemplares do jornal O Gaúcho noticiam a realização de audiências no (então) novo edifício da Intendência, inaugurado em 1911. O edifício abriga hoje o Museu Histórico Regional, criado em 1977, e o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, inaugurado em 18 de maio de 1996.

Outro exemplar do Órgão Republicano, este de 1900, publica reclames dos escrivães Affonso Gabriel de Oliveira Lima, do Cível e Crime, e Lucas de Araújo Oliveira, de Órfãos e Ausentes, que atendiam em suas residências, ambas na Rua do Comércio.

Através do Ato nº 356, de 27 de dezembro de 1920, o Intendente, Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, desapropriou o edifício do Teatro Avenida (antigo Clube Literário Amor à Instrução e atual Teatro Municipal Múcio de Castro) para a instalação do Foro e da Delegacia de Polícia. As dependências foram inauguradas em 12 de fevereiro de 1921.

4 Servidor da Justiça, autor do livro Páginas da Belle Époque Passo-fundense.



Antes dessa transferência, o Foro vinha funcionando na Avenida General Neto, em frente à Praça Marechal Floriano. O edifício foi ocupado logo em seguida pelos Correios e abrigou durante muito tempo a casa comercial de Ângelo Pretto. Atualmente, num edifício recém construído, encontra-se o 1º Tabelionato.

Em 1932 o Governo do Estado cedeu ao Judiciário o edifício do antigo Banco Pelotense, na Avenida General Neto, endereço atual.

Tratava-se de um sobrado construído no começo da década de 20 por Argemiro Camargo, que ali instalou a sua fábrica de móveis. Em novembro de 1922 o líder opositorista, Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, em campanha eleitoral, discursou na sacada do edifício. Posteriormente foi adquirido pelo Banco Pelotense.

Nesse mesmo lugar, no século XIX, início da formação da cidade, existia o pelourinho ou “pau”, como era mais conhecido por aqui. Essa valiosa informação foi repassada pela senhora Ana Kurtz, antiga moradora, ao pesquisador Pedro Silveira Avancini, que a publicou tempos depois no jornal O Nacional.

No dia 29 de fevereiro de 1932, no novo endereço, foi instalada a Reunião do Júri. Na 1ª Sessão atuou na acusação o Promotor Público Pedro Pacheco, na defesa o Dr. Celso da Cunha Fiori e na presidência dos trabalhos o Juiz de Direito Dr. Solon Macedônia Soares. O ato oficial da inauguração só ocorreu no dia 21 de abril de 1932.

Nesse edifício a Justiça local funcionou até 1976. Em 23 de abril daquele ano o Foro foi transferido provisoriamente para a Avenida Presidente Vargas, edifício nº 107, onde permaneceu até 1983.

No dia 09 de setembro de 1983, no mesmo endereço da Avenida General Neto, foi inaugurado o edifício atual. Na ocasião era Diretor do Foro o Juiz de Direito (hoje Desembargador) Dr. Marcel Esquivel Hoppe. Atualmente a Juíza de Direito Diretora do Foro da Comarca de Passo Fundo é a Dra. Lizandra Cericato Villarroel.

Passo Fundo, 16-09-2011.

HILTON ARALDI⁵

UNIÃO GAÚCHA - PRIMEIRA ENTIDADE TRADICIONALISTA DO RS

Com 111 anos de fundação, a União Gaúcha João Simões Lopes Neto é a entidade tradicionalista mais antiga deste Rio Grande, e tem como objetivos: lembrar, honrar e conservar as tradições e o patrimônio moral, histórico e cultural Sul-rio-grandense, cultivando o espírito tradicional da honradez, da dignidade, da lealdade, do cavalheirismo, do patriotismo e da hospitalidade do Gaúcho, lembrando através dos seus costumes e usanças. Seu lema : "Espora e Mango".

Fundada em 10 de setembro de 1899 na cidade de Pelotas - RS. Teve como seu grande líder, o ilustre escritor Pelotense, João Simões Lopes Neto, autor de Contos Gauchescos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo e outros.

Tudo começou com a fundação do Grêmio Gaúcho por João Cezimbra Jacques em 22 de maio de 1898, que iniciou a implantar no Estado o culto as tradições crioulas, inspirado na Sociedad La Criolla do Uruguai fundada em 24 de maio de 1894 (*) . Este sentimento e necessidade de preservar usos e costumes do gaúcho foi o que motivou 82 pelotenses a se reunirem em 10 de setembro de 1899 para a primeira reunião que daria nome a primeira entidade tradicionalista do RS. No dia 20 o mesmo grupo "amantes do culto às tradições" e que foram os sócios-fundadores, se reuniram novamente para aprovar os Estatutos e eleger a primeira diretoria, que foi empossada em primeiro de outubro do mesmo ano.

5 Hilton Araldi, Tradicionalista, Escritor, autor do livro Picanhas



Em 1949, Barbosa Lessa e Paixão Cortes se reuniram em Pelotas com os ginasianos e tradicionalistas para reerguerem a União Gaúcha pois depois de muitos anos, em função da Segunda Guerra, o mesmo paralisou as suas atividades e ressurgiu em 18 de setembro de 1950, reafirmando os princípios de defesa da cultura gaúcha, honradez, lealdade, hospitalidade, liberdade, patriotismo, dignidade, cavalheirismo, desprendimento, cumprimento do dever, autenticidade e adotando o nome de União Gaúcha João Simões Lopes Neto em homenagem ao grande tradicionalista e alma incontestada da entidade e que desde a sua fundação foi um dos membros mais atuantes. João Simões foi seu quarto presidente, empossado em 20 de setembro de 1905.

Em novembro de 2009, após muito esforço a sede foi reconstruída, mas lamentavelmente em 17 de junho de 2010, houve um incêndio nos fundos da dependência e o Jornal Popular noticiou: "Uma das grandes perdas registradas pelo patrão da União Gaúcha João Simões Lopes Neto são os livros que contam a história da entidade e fichas de sócios ilustres como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes. Este material não existe mais. Troféus das invernações, telefone, cortinas, uma gaita (acordeom), forro e painel do salão principal também foram destruídos pelo fogo.

A lei nº 12.673, de 19 de dezembro de 2006 declara integrante do Patrimônio Cultural do Estado a União Gaúcha João Simões Lopes Neto, oriunda do projeto de lei nº 437/2006 apresentado pelo Deputado Nelson Harter.

Nos mesmos princípios foram fundados em Bagé o Centro Gaúcho em 16 de setembro do mesmo ano (1899) e em Santa Maria o Grêmio Gaúcho em 12 de outubro de 1901.

(*) Seu lema " *En el fogón gaucho de la Criolla, caben todos los orientales y todos los que viniendo de estas tierras, se identifican espiritualmente con nosotros. La criolla aspira a cobijar bajo su bandera tradicionalista a todos los que tengan el verdadero concepto de Patria.*"



JÚLIO PEREZ⁶

JC E NÓS

Sua principal ocupação, para não dizer a única, era passar o dia, de banco em banco, à procura de um pagamento que nunca vinha. Sua obsessão era um ritual que ele repetia dia após dia com uma determinação inabalável. Para ele não era estranho estar repetindo durante anos esse ato, nem lhe parecia estranha a negativa sempre persistente, primeiro dos funcionários, depois dos próprios guardas que já conheciam sua mania.

Nesta época ele já tinha sido abandonado pelos seus e morava nas ruas. A consequência óbvia disso é que deixou de se alimentar com regularidade, bem como de tomar banho; por isso, havia se tornando uma verdadeira prioridade para os vigilantes tirá-lo das filas, pois o cheiro que o impregnava era insuportável para os clientes bem lavados das instituições. Para interceptar sua trajetória que o trazia para dentro das agências como um míssil era muito simples, pois apesar de sua determinação, era muito dócil e persuasível aos repetidos nãoos que ouvia todos os dias, de uma ponta a outra da cidade.

A origem do seu mal era desconhecida. Havia rumores que JC fora da aeronáutica, que um acidente o deixara inutilizado. A família havia-o abandonado, não sem antes ter recebido a indenização a que ele fazia jus. Daí sua obsessão de enganado que todos os dias fazia-o passar de banco em banco como um condenado.

6 Servidor público estadual - Tribunal de Contas do Estado - e tem como paixão a literatura. Tem 3 filhos e como diz no seu blog - poetapassofundo.blogspot.com - algumas ilusões: uma delas é de que a literatura pode "mudar o mundo." Publicou seu primeiro livro - Expresso Instante - em 2006 e o segundo - Fugaz Idade - em 2010 -, com o patrocínio do Projeto Passo Fundo e o terceiro em 2012 - A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos. As obras encontram-se neste site para comercialização.



Nas mãos ele trazia um papel cujos caracteres foram se tornando inlegíveis, adquirindo o aspecto de um pergaminho sujo e indecifrável, do qual ele todos os dias lançava mão como de um amuleto que o mantinha ligado à realidade, ainda que essa realidade fosse só sua.

Sua presença já não era mais motivo de estranheza para ninguém, pois já não ligavam mais para sua mania de girar de banco em banco à procura de alguma coisa que provavelmente nunca existiu. Muitos acostumaram-se a encará-lo como um louco, outros como um mendigo. De qualquer modo ele fazia parte daquele folclore que toda cidade tem - e Passo Fundo, não seria diferente – onde desempenham seus papéis o louco, o mendigo, o bêbado, a prostituta e o tarado.

Para mim, no entanto, ele não era nem uma coisa, nem outra. Antes ele representava um pouco de todos nós, daquela parte que fecha os olhos para o absurdo de algumas coisas que a gente faz, como JC fazia todos os dias em seu périplo pelos bancos. Um ritual que nos mantém ligados à realidade - ainda quando essa realidade faça sentido só para nós.



LEONARDO NUNES NUNES⁷

Vagas reminiscências por sobre o Rio Passo Fundo

Nota: A brincadeira rendeu. Esta história aborda o Pulador.

Para Paulo Monteiro.

Início: 17/ 09/ 2010 13:05

Fim: 02/ 10/ 2010 13:26

Por que estou na ponte sobre o Rio Passo Fundo? Por que esqueci o caminho de casa? Digo que meu nome é Castro, mas quem sou eu? Dizem que aqui passaram os tropeiros. Dizem ainda que um deles afundou o pé direito e praguejou qualquer coisa dizendo ter sido o passo muito fundo, provavelmente sujando a bota. Sobre a ponte, falam que foi um comerciante que a construiu com finalidade de poder escoar suas mercadorias, sem utilizar o mínimo de recursos municipais. Grande Brasil. O meu maior conflito eu não consigo resolver. Até agora não consigo entender o porquê de eu continuar aqui, estático, olhando sempre para o rio, desde há muito poluído, escutando o barulho dos carros passando logo atrás sem jamais vê-los ou a qualquer pedestre.

7 Participações em antologias de contos. A saber: "Algumas Ficções" - Ed. DeLeon - 2007 - com o conto "Caçador Noturno"; "Irmandade das Sombras - contos de terror, horror e fantasia" - CBJE - 2008 - com o conto "A Devoradora d'Almas". "Autores Fantásticos" - Ed. Argonautas - 2012 - com o conto "A origem do Horror de Red Hook". "Suburbia - os filhos da guerra" - Ed. Estronho - com o conto "Um Limite para a Escuridão". (em breve, novas) Livro somente meu: Fúnebre Cortejo - verão 2011 - Ed. Projeto Passo Fundo.



Esqueci, além do caminho de casa, meu passado. Esqueci, inclusive, do que foi o ontem! Mas mantenho, entretanto, vagas reminiscências em minha memória. Não tenho ideia de quantos anos tenho, mas posso lembrar-me daquele dia treze do ano 20., quando empunhava o excelente e elucidativo livro de Paulo Monteiro, O Massacre de Porongos e Outras Histórias Gaúchas. Talvez eu possa rememorar-me de qualquer indício capaz de me fazer entender o porquê do meu esquecimento, ao longo de minha narrativa. O que também não entendo por que faço, uma vez que não vejo ninguém a me escutar. De qualquer modo, fa-lo-ei a título de disquisição.

Naquele dia, logo no início da manhã, sem ter o que fazer, recomecei a leitura do ponto donde provavelmente eu havia parado. Lembro perfeitamente do capítulo referente à Batalha do Pulador, o número de mortos, à página quarenta e cinco, e os dois capítulos subsequentes d'um autêntico mate-amargo[1] histórico. Recordo da vontade louca e repentina de pegar meu carro e guiar até o campo onde aconteceu o combate, alimentada pelas informações lidas ao longo das páginas. Banhei-me do conhecimento ali incluído, acrisolando e oxigenando meu cérebro com conteúdos nunca ou pouco estudados, aprofundando cada vez mais meu interesse n'um mundo até então desconhecido, pouco chegado.

Os estudos daquele livro (pois sim, uma simples leitura tornou-se um estudo) me levaram dali para um lugar fascinante, no qual pude imaginar tudo aquilo acontecendo outra vez. As horas passavam rápido, e quando dei por mim já era meio-dia, hora do almoço. Dei um pulo do sofá e pus-me a preparar um rápido repasto – não lembro o que era. Findo este, peguei minha mochila e a enchi de sei-lá-o-quê mais duas camisas e minha câmera Kodak. Respondendo prontamente ao desejo de partir, peguei meu sedan e entrei na Av. Presidente Vargas, no Bairro São Cristóvão, diante da Brigada Militar, percorrendo-a até a Av. Sete de Setembro na Gare, pegando à direita a Coronel Chicuta_e, por fim, cruzando a Av. Brasil_em direção à saída para Porto Alegre. Tudo isso em velocidade espantosa, mas não estranhei. Creio ter dobrado à direita, mas



não lembro ao certo onde. Segui o asfalto até certa altura quando dobrei não lembro se à esquerda ou à direita, entrando n'uma estrada de chão batido. Dali para diante, não demorei muito para encontrar a porteira de entrada da fazenda onde fica exatamente o local donde aconteceu a batalha – o que me faz perguntar-me agora como eu conhecia a porteira de entrada, uma vez que nunca até então lá pus os pés. Por sobre ela, um grande arco de madeira com os dizeres “Fazenda da BATALHA DO PULADOR”, letras douradas e um pouco apagadas, amparado por uma terceira coluna de madeira, posta recentemente por conta de alguma queda ou da velhice natural da peça única.

Atravessei sob alpendre encostando meu sedan logo adiante. Dele desci carregando às costas a mochila e vagarosamente caminhei, deslumbrado, sobretudo pela beleza do lugar realçada pelo encantador céu azul e pela luz do sol radiante, até um descampado, onde tudo aconteceu. Minha mente fervilhava de emoções. Aquilo era demais para mim. Tudo ao redor parecia remontar ao passado, como a um quebra-cabeça ajuntado por mãos invisíveis. Era meio da tarde e eu me perdia em enganosas e fabulações formadas por minha mente. Batia um vento gélido, mas não dei importância. Admito que por um bom tempo tudo aquilo me foi reconfortante; eu sentia no âmago, aquilo tinha um poder de atração maior, mui fascinante. Mas que meus olhos não me enganavam, ah disso tenho certeza, não me enganavam mesmo!

Eu vi. Juro pela minh'alma, se é que eu tenho uma. Eu vi o céu enegrecer. Eu vi saírem dele estranhas criaturas aladas vindo à minha direção. Ouvi sons que não eram sons, guinchos ululantes de animais impróprios da Terra, o relinchar de cavalos também alados e o zunir de setas provindas de sei lá de onde e de qual besta. Também ouvi o nítido som de metralhadoras cuspidas a direções diversas, mas um som tão distinto, perdendo-se no horizonte, demonstrando serem apenas duas metralhadoras ali empregadas. No início fiquei na dúvida se aquilo era minha imaginação ou não. Porém percebi ter havido ali, não sei como, um deslocamento temporal capaz de reviver acontecimentos de antanho, recriando uma segunda e mais cruel vez aquela conflagração



sangrenta que vitimou 1.014, e eu nela imiscuído. Aquele era o zênite de minha loucura. E louco, pus-me a gritar.

Todas as criaturas pareciam guiadas por uma diretriz distinta, por um mistagogo, por uma vestimenta e bandeira muito parecidas com as das antigas Divisão do Norte, 2º Exército Libertador e Exército Libertador Serrano, porém surradas, rasgadas, sujas de sangue e terra, mas nem por isso coerentes nos ataques. Algumas dessas criaturas lembravam vagamente a feição humana, mas não eram homens. E desses homens que não eram homens, muitos desmembrados, a maioria já estava em decomposição e poucos ainda continuavam de pé. Dos cavalos, asas de morcego e dragão sobressaíam das costelas, olhos incandescentes. Alados, cruzavam o céu sobre minha cabeça, e outros, já pousados no chão, mantinham a vermelhidão no olhar. Todos, cavalos e homens, combatiam entre si.

Além do medo, do pavor e da loucura, mais um sentimento: comiseração. Eu olhava com tristeza para aqueles do Exército Libertador Serrano. Não sei por quê. De qualquer forma, não era agradável vê-los. Nem tampouco o céu enegrecido de aspecto aterrador. Não eram nuvens de chuva. De forma alguma. Mas um grande e infinito círculo, pelo qual ainda passavam as criaturas, e percebi, n'algumas delas, cores e tamanhos diversos, todas elas sendo sugadas ou expelidas a talante de uma força superior. Insano, e em delírio, pensava no número de sepultados os que passavam pelo cone, que era o círculo, e na impossibilidade de uma segunda morte uma vez já ter há muito havido a primeira; um pensamento alienígena, distante.

Alquebrado, reuni o pouco que restava de minhas forças e arrastei-me até meu sedan, sempre dando olhadelas para trás. Aquilo me afetava em demasia. Não queria permanecer um segundo mais naquele cenário no qual eu também fazia parte, e do qual eu havia criado. Não usei, entretanto, visar uma vez mais aquele horror, e partir dali seria a única atitude a tomar a fim de obter minha sobrevivência. Eu continuava a ouvir os guinchos ululantes, o relinchar dos cavalos alados, o zunir de setas atiradas por bestas agora clandestinas e também o nítido som das



duas metralhadoras cuspidando balas a direções diversas, perdendo-se no horizonte. Queria fugir dali o mais rápido possível. A aproximação de meu carro parecia lenta ou era eu quem se arrastava lentamente? E quando uma daquelas criaturas aparecia diante de mim, no céu, fechava com todas as forças meus olhos e me guiava somente com a última imagem do sedan de antes de cerrar as pálpebras, torcendo febrilmente estar arrastando-me em linha reta. Não sei se eu imaginava ter sido atingido por alguma daquelas setas, ou pelas balas das metralhadoras ou ainda pelo ataque dos homens que não eram homens. Continuei me arrastando. Continuei. E continuei. E continuei. In saecula saeculorum^[2] até, enfim, bater com a destra na porta, abrindo-a em seguida não sei como.

Em dois piscar de olhos, já estava sentado diante do volante com a chave na ignição. Procurei não olhar nos espelhos retrovisores e correr o risco de ver que alguma daquelas criaturas estava em meu encalço. Como um autômato, girei a chave e liguei o motor, partindo dali a toda brida. Agora eu lembro. Lembro da disparada tresloucada daquele abominável campo de batalha, da direção desvairada estrada afora, das árvores passando velozmente pelo lado de fora, da poeira vista através do retrovisor central ao cruzar a estrada de chão, do asfalto chispando sob as rodas velozes do sedan, da fuga incontrolável e irrefreável daquela confluência diabólica. Por que estou na ponte sobre o Rio Passo Fundo? Por que esqueci o caminho de casa? Digo que meu nome é Castro, mas quem sou eu?

PEQUENA NOTA EXTRAÍDA DO JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ

(manhã do dia seguinte ao do acidente)

Na última noite, mais um acidente nas estradas gaúchas preencheu as alarmantes estatísticas de tragédias ocorridas sempre em fins de semana. Desta vez o acidente foi na Rodovia XX, que liga Passo



Fundo a XX, próximo à localidade do Pulador. A foto foi tirada por um motorista que trafegava a rodovia em sentido contrário e mostra as ferragens do automóvel depois da capotagem. Do carro só sobrou algumas peças que voaram enquanto captava. O capitão do Corpo de Bombeiros de Passo Fundo, Heitor Alarante, disse tratar-se do “pior acidente nos últimos meses” e que, por conta do impacto, “o braço direito foi encontrado a cinquenta metros de distância e a cabeça esmagada.” Embora tenham sido procurados, os Bombeiros não encontraram nem os documentos do automóvel, muito menos os do motorista. A identidade da vítima ainda não foi confirmada, mas, segundo pesquisa no DETRAN, o número da placa levou ao nome de Castro F. G. A rodovia foi bloqueada, em ambos os sentidos, até o carro e o corpo fosse retirado dali. Não se tem ideia quanto ao horário em que a rodovia será aberta novamente para a passagem de automóveis, que já formam uma extensa fila nas duas vias.

FIM

[1] Referência à dedicatória do amigo Paulo Monteiro quando ao lançamento do seu livro *O Massacre de Porongos e Outras Histórias Gaúchas*.

[2] Em latim: para sempre; eternamente.



LINHA: P.F. – HADES

Leonardo Nunes Nunes - Leon Nunes

Escrito: 01 a 17 de julho 2010. Reescrito à data de Primeiro de setembro de 2010.

Segunda versão – datilografada.

História com pano de fundo a Gare de Passo Fundo.

Não é novidade para ninguém que eu possuía um ótimo emprego aqui nesta cidade. Não é novidade para ninguém, também, que eu o perdi por ninharia – malditos interesses pessoais! Nunca fui dado à bebida, todos sabem disso; empobreci também. Para piorar, mendiguei. Fui ao fundo do poço sem nenhum dinheiro, nenhum tostão furado no bolso! Viram-me jogado pelas ruas, sempre acompanhado duma garrafa da bebida mais batizada possível, do mais baixo calão, pegos (algumas vezes roubados) em imundos alcouces; vinhos de procedência duvidosa, uísques de má qualidade – pobre de mim. Poucas eram as vezes que eu voltava para casa – e quando voltava, descobria ter sido usurpado d’algo de certo valor. Muitas eram as noites que eu ficava nas ruas. Pelo menos em sã consciência, jamais usei drogas.

A cidade de Passo Fundo jamais passou pelo horror por que passei. Acho ser este o motivo pelo qual não passo mais pela Gare. De toda forma, a história de Passo Fundo é rica em detalhes, minúcias inclusive documentadas. Foi aqui onde aconteceu as mil e quatorze mortes, sei mais quantos feridos, lá pelos idos de Mil Oitocentos e Noventa e Quatro, a famosa “Batalha do Pulador”. Teve ainda o “Combate dos Vallinhos”, sob o número impreciso de mais de duzentos mortos, pouco tempo antes. Eu poderia ficar o dia inteiro listando os terrores perpetrados nesta cidade, sem, contudo, falar jamais do pior deles. O único episódio –



verdadeiro? – de horror da história de P.F., do qual apenas EU posso documentar.

Horror. O que se entende por “horror”? Medo, simplesmente? Esse é o problema. Eu não tenho mais medo, não depois de tudo aquilo que eu testemunhei. Foi há quase três anos.

A história de Passo Fundo narra perfeitamente a época da existência de trem de passageiros (talvez a melhor época da P.F. de se viver), da estação ferroviária da Gare, local onde verdureiros e pequenos agricultores vendem seus cultivares, na época um lugar de luxo, hodierno ocupando função pouco privilegiada (seria ainda um luxo caso houvesse trens cruzando novamente o centro da cidade). Foi justamente lá, na Gare, onde todo o horror aconteceu.

É engraçado falar agora. Somente agora, depois de muito tempo do ocorrido, me vem na veneta contar. Era noite. Disso tenho certeza, a bebida não havia influenciado meus sentidos a ponto de alterar minha percepção de diferenciar dia e noite. Mas foi capaz de me fazer esquecer horário. Eu aprendi a claudicar sem derramar um só pinga do abençoado álcool em minhas mãos. Quem caía era o bêbado, não a garrafa. Naquela noite coberta por uma escuridão anormal, resolvi recostar minhas cansadas costas na cerca da casa de madeira ao lado da antiga estação, cinquenta metros da plataforma de embarque. Alguns carros passavam pela Sete de Setembro zunindo a toda a brida, cuspidos fogo pelas ventas, faiscando aos brilhos refletidos das lâmpadas dos postes de luz, com sua beleza e prepotência, outros com vagar irritante. Muitos dos motoristas que cruzavam a via motorizados faziam-no com o som a todo vapor, escutando músicas que mais pareciam batidas secas de britadeiras em compasso de outros sons que penetravam em minha cabeça tilintantes. Lembro de ter proferido improperios diversos, sempre ébrio, e voz sussurrante, rouca, sem ninguém escutar. Invisível eu era para a maioria daqueles imbecis. E dos poucos que caminhavam, “olha o bêbado” eu escutava. Motivo de chacota, sem dúvida. Algumas garotas desviavam do caminho com medo, outras nem reparavam a minha presença. A espessa escuridão escondia algo. Eu sentia.



Naquele momento, talvez eu tivesse quebrado a garrafa. Não sei. Quem sabe eu a tenha jogado longe, sabe-se lá. Ou ainda cortado o pulso com os cacos de vidro. Mas nada explica o que passei a escutar. A voz era feminina. “Socorro! Socorro! Ambulância. Chamem a ambulância!” Se bem percebi, dois ou três carros pararam ali bem próximo, todos cheios de dúvidas e uma expressão facial vazia. Daquela mesma voz feminina escutei o mesmo pedido por socorro, desta vez através dum telefone celular. Depois disso, nenhum som chegou até aos meus ouvidos.

Minto. Escutei um som, sim. Escutei um apito de trem aproximando-se. Abri um olho na tentativa de localizar-me melhor. Abri o outro olho e vi um lugar completamente diferente. Só fui perceber que eu estava há muito tempo ali deitado quando levantei. Do chão saíam vapores e, a cinquenta metros, um trem recém-chegado. “Última parada para o destino final!”, alguém gritou de lá de dentro. Do trem parado ainda podia-se ouvir os barulhos das engrenagens funcionando. Ainda queimava lenha na fogueira, ou carvão, tanto faz.

Claudicante aproximei-me. A perna doía, mas já não estava bêbado. Com extremo vagar, minha mente divagava sobre donde teria partido aquele vagonete. Estranhei tanto fogo-fátuo ali. Ali e em qualquer direção que eu olhasse. O vapor aumentava até a altura da minha cintura. Subi pela rampa da plataforma com a vaga ideia de que ali em cima os vapores não chegariam. Não havia ninguém, seja na estação, seja dentro do trem. “Alguém? Alguém aqui?” Tive de gritar, enfiando minha cabeça pela porta aberta (escancarada) do primeiro vagão, a sala do maquinista.

Quando virei as costas, alguém apareceu através daquela porta escancarada (aberta), causando-me sobressalto. “Ei! Eu já o esperava. Estamos atrasados.” Disse a boca com dentes. “Atrasados? Para ir aonde?” Perguntei. “Vamos! Está na hora!” Respondeu. “Hora de quê?” Perguntei em resposta. “Ora bolas. Da tua partida!” Disse-me colocando sua face à luz.



Pendia daquela face um pedaço de carne. Imagine o que não havia pelo resto do corpo? “Entre. Já vamos partir!” Falou com impaciência. “Partir para onde?” Volvi. Qual! Aquilo pulou sobre mim tal qual o mais faminto dos carniçais, arrastando-me para dentro do trem. O maquinista, sabe-se lá donde surgira, deu partida e as engrenagens já começaram a estalar com mais força, colocando o trem em movimento. Eu ainda permanecia agarrado pelo meu atacante, ouvindo as então recém-iniciadas risadas de sarcasmo. Vi, com pavor, nos outros vagonetes em sequência, muitos outros iguais ao primeiro, todos com uma lasca pendendo da cabeça, ou sem o mínimo tufo de cabelos, mormente as mulheres de olhares lascivos. Bebiam sem parar – à minha sorte, ou azar. Riam atoleimados. Aquilo sim era horror!

Voltei-me contra meu oponente. Sua face, agora maléfica, visava em mim toda sua loucura. Ria-se sempre ameaçadoramente. “Para onde estão me levando?” E como resposta à minha pergunta, mais risadas. Ensaiei uma fuga; vê-los, porém, causou em mim uma total paralisia. Petrifiquei-me. Nenhum membro do meu corpo movia-se. Isso era motivo para cada vez mais rir.

Desesperado olhei para fora. Custei para acreditar no que os meus olhos viam: o trem flutuava no ar! Sem dúvida nenhuma, todos sentiam o meu horror, dele alimentando-se. E em meio às risadas alguém, enfim, respondeu, gritando: AO HADES!

Antes do salto, vi qual direção seguíamos. Caso não tivesse pulado a tempo, eu seria, junto do trem e de todos aqueles à minha roda beberrões, tragado pela fenda que abria-se a uma curva de noventa graus para baixo. Eu seria engolido vivo pelo Grande Precipício há pouco aberto.

Como disse, deixei de ter medo há três anos, aproximadamente. Bati a cabeça com força quando aterrissei do salto, apagando na hora. Quando acordei, dei por mim numa cama de hospital com alguém ao meu lado. Disse-me esse alguém que eu tinha estado em coma por durante aqueles últimos trinta dias (não faço ideia quem seja),



tendo acordado somente naquele instante. “Um alívio”. Por fim falou. O que é horror, afinal de contas?

Horror foi quando descobri o porquê da sensação tida ao despertar na cama de hospital. Passados cinco dias reparei naquela pessoa ao meu lado uma estranha semelhança. Não pude conter o grito, aflito, quando percebi que aquela pessoa que velava meu corpo inerte por durante trinta dias era idêntica à face visada naquele vagonete rindo-se do meu infortúnio, do meu terror!

FIM



LINDOLFO KURTZ⁸

Os Capas-Pretas

Se bem me lembro, teria sido em 1937 que ocorreram os fatos que vou narrar. Quando nossa Passo Fundo era uma pacata cidadezinha interiorana, os moradores se conheciam e se cumprimentavam, e o maior perigo que se poderia enfrentar nas ruas quase desertas eram cavalos em disparadas loucas, arrebatando carroças e arreios, para desespero dos carroceiros, na maioria pequenos produtores rurais que vinham para a cidade vender seus produtos hortigranjeiros, ou lenha cortada para os fogões. Assaltos à mão armada eram ainda desconhecidos, e os roubos que, raramente aconteciam, eram de penosas do galinheiro ou alguma peça de roupa no varal.

Nesse tempo, a Praça Tamandaré era bem diferente da atual. Na frente da Igreja Matriz, mas dentro da praça e até próximo do busto de Gervásio Annes, havia duas carreiras paralelas de bambu que, de tão antigas, tinham perfilhado muito e alcançado considerável altura. Na parte superior, abriam-se para todos os lados, formando entre as duas filas um curioso túnel vegetal, bastante alto, que proporcionava temperatura agradável nas tardes quentes de verão.

Pois foi nesse local, por onde a população passava para ir à missa, ao hospital ou ao cemitério, que surgiu, não se sabe de onde, uma quadrilha de assaltantes constituída de uns oito ou dez elementos que ali se amoitavam. Passou a ser muito perigoso andar por ali. A população temerosa não mais saía à noite. Havia a notícia de que também em outros pontos da cidade ocorriam assaltos à mão armada. E havia um detalhe:

⁸ Lindolfo Kurtz, reside em Porto Alegre e é membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras.



todos os assaltantes usavam uma capa preta, dos ombros até perto dos tornozelos, as chamadas capas espanholas, forradas de lã vermelha, muito usadas na época. Por causa dessa espécie de fardamento os assaltantes passaram a ser chamados de Capas-Pretas. Por mais quente que fosse o dia ou a noite, não tiravam a capa por nada. Mas o medo dos Capas-Pretas era cada vez maior. A população já estava aterrorizada. O Padre José Bunze suspendeu as novenas por questão de segurança dos fiéis. Esse clima de terror durou aproximadamente dois anos. E a polícia? Os policiais deram várias batidas no valha- couro, nada encontrando.

Mas algumas circunstâncias começaram a ser analisadas pela polícia: o uso de capas pretas permanentemente; o paradoro em ponto central da cidade, a praça Tamandaré; e, principalmente, nunca ter aparecido nenhum dos assaltados. Nenhuma das vítimas deu queixa à polícia. A notícia era sempre imprecisa: "o seu Fulano tem um amigo que tem um filho que foi assaltado"; ou: "no armazém tinha um cidadão que soube de um assalto". Mas assaltado não apareceu um sequer. Tudo, afinal, não passava do imaginário popular que levou a população a um estado de neurose coletiva.

Com a ajuda da imprensa, a polícia conseguiu, aos poucos, restaurar a tranquilidade da população. As novenas foram reiniciadas. A cidade voltou a ser tranquila. Ninguém mais acreditava nos Capas-Pretas. Mas aí começou o sentimento de frustração. Todos lamentavam o fato de que os assaltantes nunca existiram. A emoção e motivação de tanta conversa e expectativa não mais existiam. Os Capas-Pretas estavam fazendo falta... a cidade ficou vazia sem eles. Havia famílias que estavam até planejando transferir a morada para outra cidade, contanto que houvesse assaltantes. Sem eles, ainda que virtuais, a cidade ficou sem graça.



LUCAS SCHERER⁹

A versão hollywoodiana de um mito do futebol gaúcho

"O negócio é o seguinte: amanhã você não vai poder trabalhar. Você não vai poder andar."

Daizon tendo uma conversa com um atacante adversário

O tenente Marion Cobretti era o líder do Esquadrão Zumbi, formado por policiais especializados em serviços que ninguém mais queria fazer. Cobretti, ou Cobra, usava sempre luvas de couro pretas, óculos escuros espelhados e palito de fósforo no canto da boca. "Stallone: Cobra" marcou minha geração nos anos 1980 e hoje é um filme de culto. Não pela história. Pelo personagem.

Cobra teve que encarar uns malucos que queriam fundar um tal de "Mundo Novo". O fato era tão importante para a história que não mereceu explicação alguma. O que importa é que algumas cenas se tornaram clássicas. O filme começa com um sujeito segurando uma bomba e uma espingarda e mantendo reféns em um supermercado. A polícia cerca o local. Quando as negociações falham, Cobra é chamado. O diálogo com o bandido é um momento antológico (e precisa ser visto na versão dublada):

-Cretino... Você adora dar tiro. Eu odeio gente assim. Você é um imaturo, você é um... cocô! E eu vou matar você.

Em casa, Marion Cobretti recobrava as forças limpando sua pistola enquanto comia pizza cortando as fatias com uma tesoura. Perto dele, o detetive Harry "Dirty" Callahan, de Clint Eastwood em "Perseguidor

⁹ Jornalista e autor dos livros Beбето: O Canhão da Serra e Os Donos da Bola – O Campeonato Citadino de Futebol de Passo Fundo



Implacável" e o arquiteto Paul Kersey, de Charles Bronson em "Desejo de Matar" não passavam de coroinhas.

Um site especializado em cinema contabilizou 52 mortes durante os 87 minutos do filme. Numa delas, Cobra "lê" os direitos de um criminoso se debatendo em chamas, sendo queimado vivo:

-Você tem o direito de permanecer calado...

Quando lembro de Marion Cobretti, lembro também de Daizon Pontes.

Daizon, um dos imortais da história do futebol nacional, foi apontado pela revista Placar como o detentor do recorde nacional de expulsões: 18, entre 1959 e 1974. Seis delas por ofensa e outra por agressão ao árbitro. Isso que os cartões no futebol só apareceram na Copa do Mundo de 1966. Antes, para ser expulso, era preciso ser muito mau.

O zagueiro Daizon Pontes começou a se destacar no Cruzeiro de Porto Alegre. Um dia, ao final de um treino, o técnico Foguinho entrou no vestiário e viu um menino de 13 anos com a mão na perna, chorando de dor. Ele perguntou o que havia acontecido. A resposta:

-O Daizon me bateu.

Foguinho encontrou Daizon em um canto, arrependido:

-É que ele ofendeu minha família, seu Foguinho. E isso eu não admito.

Em dezembro de 1961, o Cruzeiro viajou pela América Central e Colômbia fazer amistosos. No jogo contra o Herediano da Costa Rica, um cachorro invadiu o campo. Era uma tática utilizada pela torcida do time da casa para "esfriar" os jogos complicados. Ninguém conseguia pegar o animal e tirá-lo de campo. Picasso, goleiro do Cruzeiro e profundo conhecedor da psique de Daizon, provocou:

-E aí? Tem um cachorro no campo.



-Se ele passar aqui é logo pau!

-Olha ali atrás.

Era o cachorro.

Daizon deu um "carrinho" no bicho, que morreu. Para terminar, o outro zagueiro do Cruzeiro, Osmar, pegou o cachorro morto pelo rabo e o atirou na torcida do Herediano.

Mas Daizon não era só violência. Ele também jogava bola. Em 1963 trocou o Cruzeiro pelo Flamengo do Rio de Janeiro. Era chamado de "Bellini Gaúcho" pela imprensa carioca. Isso mesmo. Daizon foi comparado ao capitão da primeira conquista da Copa do Mundo pelo Brasil. Considerado o melhor zagueiro do sul do país, também era disputado por outro time do Rio, o América. A Revista do Esporte chegou a cogitar seu nome entre os convocados para a disputa da Copa de 1966 se mantivesse o futebol apresentado nos campos gaúchos.

Mas a história foi outra. Ficou apenas três meses no Flamengo, sendo expulso de um treino pelo técnico Flávio Costa depois de um lance violento contra Airton Beleza:

-Joguei o Beleza na grade. "Só por isso" fui expulso.

Daizon voltaria para marcar época no Gaúcho entre 1966 e 1974.

Aqui, dizia que para Internacional ou Grêmio ser campeão estadual, era preciso entrar na área do time do estádio Wolmar Salton, onde reinava soberano com seus cotovelos e joelhos.

-Muitas vezes o centroavante adversário vinha provocar, cuspir na cara, passar a mão na minha perninha, sabe... Tinha uma hora que eu me irritava.

Então, era o momento de colocar as coisas nos seus devidos lugares:

-Eu saltava e levantava o joelho nas costas do camarada, mas sem o juiz ver, sem prejudicar o time com uma expulsão, porque era



melhor eu fazer uma coisa dessas do que cuspir na cara do camarada. Ainda bem que não tinha tevê mostrando os jogos na época.

O atacante argentino Scotta, do Grêmio, foi um dos que tiveram a ideia de cuspir em Daizon.

-Na hora eu não fiz nada. Só falei pra ele: "nós vamos conversar daqui a pouco" e segui o cara pelo campo todo.

Não apenas seguiu como seu joelho acabou nas costas do argentino, que saiu de campo se contorcendo de dor.

Mas o mito se dizia justo. Garantia que nunca bateu por bater:

-Eu tinha de levar alguma coisa antes. E se fosse para "dar pau" eu dava dentro e fora de casa. Até hoje tem jogador que bate em casa e, quando sai até se machuca pra não jogar. Eu não.

Algo incomum na época, Daizon foi suspenso por doping, pelo uso de cloridrato de prolintano. A substância tinha o nome comercial de Katovit, um xarope muito usado por estudantes. Era um complexo vitamínico que ajudaria a aumentar a capacidade de concentração e a repor energias.

-Logo depois que aconteceu o caso, eu virei garoto-propaganda e ganhei três caixas do laboratório. Fiz um teste. Aquilo era uma porcaria, só servia para criança mesmo.

As canelas roxas dos adversários se acumulariam até 1974. Já perto da aposentadoria, em uma entrevista para a revista Placar, disse que não deixaria o futebol sem concluir uma missão: bater, para valer, em um árbitro. A profecia foi cumprida em novembro daquele mesmo ano.

O Gaúcho enfrentava o Internacional de Santa Maria no estádio Presidente Vargas e terminava o primeiro tempo vencendo por 1 a 0 com gol de Paraná. Estreando o técnico Santarém, o alviverde se defendia bem e explorava o contra-ataque, com os lançamentos precisos de Roberto, os avanços de Leivinha e as arrancadas do goleador Bebeto.



Então veio o segundo tempo e a atuação decisiva do árbitro José Luiz Barreto.

Aos seis minutos, numa bola levantada, o zagueiro Lívio do Gaúcho tocou com a mão fora da área. Barreto assinalou o pênalti. Tadeu cobrou, mas o goleiro Carlos Alberto defendeu. Aos 14 minutos, Edson foi lançado. Percebendo a chegada de Daizon Pontes, o atacante se jogou dentro da área e o árbitro marcou a segunda penalidade máxima contra o Gaúcho. Daizon, que sequer encostou em Edson, pegou a bola e falou:

-Por que tu mesmo não bates o pênalti, Barreto?

Em seguida, dois socos no rosto do árbitro. O zagueiro foi expulso e na confusão sobrou até para um cabo da Brigada Militar. Ainda tonto, Barreto ordenou a cobrança do pênalti, dessa vez convertida por Silvio, enquanto policiais, dirigentes e repórteres ainda estavam dentro de campo. O Gaúcho perderia por 3 a 1 e Daizon deixava o estádio fugindo pelos fundos, só de calção, cruzando um cemitério, com os brigadianos atrás dele. Em Passo Fundo, o anti-herói foi recebido pela torcida com carreata, buzinaço pelas avenidas da cidade e churrasco até às cinco da madrugada. Pela agressão seria suspenso do futebol por 18 meses.

-Foi fruto de invenção e sensacionalismo – diria tempos depois, desconsiderando a existência de fotos da agressão.

Essa história transformaria definitivamente Daizon Pontes em uma lenda.

Há pouco tempo reencontrei Daizon num jantar. Enquanto todos pediam carne e massa, o ídolo pediu peixe. O zagueiro mais macho de todos os tempos pedindo peixe? Prestei atenção para saber que bebida acompanharia. Se ordenasse vinho (e pior, se se mostrasse conhecedor do tipo de vinho que combinasse com o peixe), eu seria testemunha de uma calamidade. Eis que o mito falou:

-Traz uma cerveja bem geladinha.



Um amigo retrucou dizendo que peixe não combinava com cerveja.

-Então traz massa e carne.

E, virando para o amigo, emendou:

-E tu, tu vai tomar no teu isqueiro!

Daizon sempre será Daizon.



LUIZ JUAREZ¹⁰

Memórias da nossa praça

Para não dizer que não falei de flores, como queria Geraldo Vandré, falarei hoje da praça, precisamente da nossa Praça Marechal Floriano. Praças, como se sabe, não falam e nada sentem. Parodiando Fernando Pessoa, são simplesmente praças, nada mais que praças.

A praça central de Passo Fundo já foi muito mais frequentada, mais bela e dotada de um encanto que desapareceu nas brumas do tempo. Entre as décadas de 1930 e 1980 do passado século foi o centro intelectual, social, comercial e econômico da cidade. Diante dela, nas ruas que a circundam, bem iluminadas e arborizadas, estavam os principais estabelecimentos da cidade, cinemas, bancos, livrarias, as melhores lojas, além dos bares, restaurantes e cafés mais requintados. Ali pulsava o coração da cidade, onde se viam as pessoas mais elegantes, mais belas e inteligentes. Era para onde vinham, depois das aulas, os estudantes dos tradicionais IE e Conceição e as raparigas em flor do colégio das freiras (Notre Dame). Era na praça que se sabia das notícias da cidade e se discutiam os acontecimentos nacionais e internacionais. Era no célebre Café Elite ou na sala da gerência do Banco da Província que eram tratados os negócios mais importantes. Tudo o que se fazia em Passo Fundo de algum modo passava pela nossa velha praça.

Assim era há pelo menos oitenta anos e nas décadas que se seguiram.

Em sua face sul havia a Casa Floriani, a Casa São Paulo, a Casa das Sedas. Ali funcionava também a Casa A Moda. No mesmo lado havia

¹⁰ Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, membro da Academia Passo-Fundense de Letras



a revisteira e tabacaria do “seu” Ângelo Grespan, ao lado da loja de couros Kieling, no sobrado que fora a primeira sede do Banco do Brasil. Em frente à Casa Paraíso, de café e bilhares, na esquina com a General Neto, até o fim da década de 50 tínhamos a Casa Edi, dos irmãos Tissot, ao lado do Salão Nacional, já na mesma avenida, nossa mais requintada barbearia, o primeiro salão a receber senhoras para o corte de cabelos. Do lado norte, na esquina da Rua Independência, estavam a Casa Rádio, que, juntamente com o Novo Bazar, eram as mais afamadas lojas de louças, cristais e artigos domésticos. Junto a elas estava a Casa D’Arienzo, especializada em tecidos e armarinhos. Precisamente em frente havia o ponto dos “carros de praça”. Ali estacionavam os primeiros táxis da cidade, onde antes haviam estado os coches de aluguel e seus cocheiros. Na mesma quadra, próximo ao palacete Medaglia e junto ao Banco do Comércio, tínhamos a famosa Farmácia Serrana, com seu magnífico prédio art-nouveau. Ao lado do nascente o quarteirão era flanqueado pelo palacete que sediava o Banco da Província, hoje Banco Itaú, e pela Casa Miotto, a nossa melhor vidraçaria. Ali estavam também o Banco Industrial e o Clube Caixeiral, o lindo palácio rosado da Marechal Floriano. Nos anos sessenta foi concluído o moderníssimo prédio do Turis Hotel e do cinema Pampa, que tinha lugares para 2.500 pessoas, hoje transformado em garagem.

O mais interessante era o lado do Poente, por onde passa a Avenida General Neto. Ali estavam a mais importante livraria os melhores cafés, os restaurantes e os dois cine-teatros: Coliseu (depois Real) e Imperial. Começava, para quem vinha da Avenida Brasil, com a Livraria Progresso, de Paulo Pargendler, oferecendo os best-sellers da época. A casa depois transferiu-se para a Avenida Brasil, onde continuou sob a denominação Livraria Americana. Ali passou a funcionar o Parque Elétrico, de Paulo Battisti, o primeiro a vender aqui geladeiras, chamadas frigidaires, rádios e aparelhos elétricos. Na esquina da rua Independência, vindo de Santo Ângelo, Eleodoro Antunes instalou a sua Casa Sonora. Foi enfrente dela que funcionou o serviço de radiofonia Guarany, de Maurício



Sirotski, que foi a origem da radiofonia entre nós, semente do poderoso Grupo RBS.

Seguia-se o mítico Café Elite, também restaurante, inicialmente dos irmãos Bordignon e depois de Alcides Bertoldo, onde depois estive o Banco Bamerindus. O Elite era o mais importante ponto de encontro da cidade. Ninguém podia faltar ao cafezinho, servido permanentemente nas inesquecíveis xícaras brancas. Ali estavam os industriais, os comerciantes, os médicos, liderados pelo famoso Dr. Sabino Arias e pelo benemérito Dr. Telmo Ilha, depois pelo Dr. Donadussi e pelo Dr. Rudah. Os principais advogados, a começar pelo Dr. Azambuja, com Carlos Galves, Celso Fiori, Frederico Daudt, Verdi de César, Nei Menna Barreto e Pedro Avancini, o rábula mais astuto que aqui tivemos. Mais tarde viriam os professores da Faculdade de Direito, Rache, Busato, Mário Neves, Juarez Diehl, entre outros. E também políticos como Daniel Dipp, Trein e Martinelli, e o jornalista Múcio de Castro. A turma da Cooperativa, de que lembro o inesquecível Júlio Gasparotto. O pessoal do Gaúcho e do 14 de Julho. Frequentavam o Elite os juizes Germani, Isaac Melzer e César Dias Filho e o promotores Aiub e Boeira Guedes. Por ali estavam o escrivão Maíno, do Fórum e o brejeiro tabelião Honorino Malheiros. Ao lado funcionava a barbearia do José Pacheco (José Barbeiro), prócer do Partido Comunista local, sempre afável e bem informado.

Depois vinha o prédio da Catedral, inaugurado nos anos 50, depois da instalação da diocese, sob a batuta de D. Cláudio Colling, com suas inesquecíveis missas de domingo, onde os padres José Gomes e Jacó Stein, admirados por todos, eram o pároco e o coadjutor.

Continuava com o bar Oásis, hoje pertencente a Jesus Castanho, depois de ter sido de Ernesto Saccomori, de Valentim Norberto e de outros proprietários. Sobrevivente de melhores tempos, baluarte de uma tradição que se está a perder, faz parte da lenda da cidade. Merece ser cantado em prosa e verso, por sua venerável lenda, que se confunde com a história de nossa urbe.



Antes dele havia o Cine Teatro Imperial, construído pelo pioneiro Arthur Rotta. Ali estiveram peças e artistas teatrais famosos, como Procópio Ferreira, com “Deus Ihe Pague”. No local consagrou-se nosso grupo teatral Delorges Caminha, de que hoje ainda temos o artista-herói máximo, Paulo Giongo. Ali foram exibidos os clássicos de muitas épocas, filmes da Metro, da Universal e da Paramount, sem falar na filmografia europeia da nouvelle vague e do neo-realismo, francês e italiano.

Mais adiante vinha o Hotel Excelsior. Em seu andar térreo funcionava o Café Haiti, super-moderno, dotado de restaurante e boate, onde se podia dançar aos sábados e domingos. Antes estivera no local o Café Colombo, destruído por um incêndio, onde eram servidos chope, guaraná e sanduíches, de sabores inesquecíveis.

Quase terminada a quadra, vinha o fabuloso Cine Real, que sucedera ao famoso Coliseu, também consumido pelo incêndio que levou consigo o Café Colombo.

Por fim, havia o Café Sonora, ao lado da Casa Sonora, de Eleodoro Antunes. O café, com frequência diferenciada, completava a loja. Ela era a sede de uma indústria e de um comércio significativamente inovadores. Antunes foi quem desenvolveu os primeiros crediários. Também trabalhava com refrigeração comercial. Era um esplêndido homem de empresa, irradiando simpatia e calor humano.

Do outro lado da rua, em prédio até hoje existente, estava o Bar Independência, frequentado predominantemente pelo pessoal do antigo PTB. Ali era o seu reduto, onde de onde eram concebidas as artimanhas para derrotar o PSD.

Aquela era a praça da minha juventude, de tempos que já se foram. Hoje, quase abandonada, insensatamente transformada e transfigurada, jamais recuperará o esplendor e a alegria de outrora. Como o poeta, a mim só resta indagar: où sont les neiges d’antan?



Aldo Battisti e a confraria do Bar Oasis

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo*

72 anos. Meu contemporâneo e amigo fidelíssimo. De profissão lojista, exatamente como com orgulho se intitula. Em verdade, deu continuidade a tradicional comércio de calçados, hoje um grande magazine de confecções e moda, iniciado por seu pai João Battisti em 1941. João Battisti era um sapateiro italiano que veio se radicar em Passo Fundo, onde constituiu família, casando-se com D. Giovana Bettinelli (Nina), da qual teve três filhas e mais o Aldo. Em sua empresa familiar, Aldo trabalhou desde os verdes anos. Já adulto, prosseguiu e incrementou o negócio da família, auxiliado por sua esposa e agora pelos filhos, nos quais incutiu uma rígida ética de honestidade, eficiência e disciplina. Fisicamente, hoje é de estatura média. Antes era mais alto que eu e deve ter tido sua altura reduzida por causa da idade. Branco, por sua ascendência italiana pelos quatro costados. Antigamente era gordo e usava vastos bigodes, removidos há alguns anos, juntamente com uma parte considerável do seu peso. Gosta de chapéus — algumas vezes engraçados — e veste moda esportiva sempre atualizada e de bom gosto. (Diz que, por ser empresário da moda e ser jovem a clientela de sua loja, que tem que se vestir como jovem). Muito simpático e bom conversador, costuma contar detalhadamente todas as histórias, as dos outros e as suas, inclusive as que dizem respeito à sua saúde, de que cuida escrupulosamente, submetendo-se todos os anos aos mais diversos tipos de exame. Bem humorado, boa companhia, extremamente leal e afetuoso, principalmente com sua família e seus amigos. Não é homem de ódios ou rancores. Mas, como bom italiano, sabe reagir a qualquer desfeita. Muito meticoloso e detalhista, sua vida é um primor de organização. Tudo por ele é organizado: seu negócio, seus arquivos, seus pagamentos, as datas, as recordações, as memórias, os documentos e fotografias e o mais que se imaginar. Tem o que chama



de “acervo”, uma espécie de museu muito bem organizado, com recordações de sua vida e objetos de toda espécie que lhe vieram parar às mãos. Por isso, sempre digo que sua principal vocação deveria ser a de museólogo, em vez da de comerciante. É dado a organizar festas, encontros e jantares, sempre sabendo encontrar e recomendar locais e tendo sempre à mão a lista de convidados, conforme os diferentes grupos que frequenta. É verdade que participa de várias turmas de gastrônomos.

Uma delas é Confraria do Bar Oasis, na qual eu também me incluo. É um grupo de senhores, em maioria passados dos 70 anos, que, sob a atenta e silenciosa presença do Castanho, dono do bar, e de seus eficientes funcionários, após o almoço vão todos os dias de semana ao bar Oasis, onde trocam ideias e se comunicam sobre os mais diversos assuntos. Esses assuntos são, em primeiro lugar medicamentos, saúde, médicos e laboratórios. Para isso temos uma competente orientação, pois contamos com nosso presidente, Dr. Donadussi. Em geral fala-se de tudo: de aeronáutica, pois temos dois ou três afamados pilotos entre nós; do preço da soja e do gado, já que há produtores e plantadores; de mortes, velórios e sepultamentos — pois, pudera, estamos sempre atentos às necrologias; alguns explicam as novelas e os melhores programas e personagens da televisão ou assuntos veiculados na internet; outros abordam temas do futebol e de outros esportes (como não pode deixar de ser, a plateia divide-se entre gremistas e colorados, alguns fanáticos e furiosos; às vezes alguém suscita a lembrança de grandes escândalos, como adultérios célebres, passando por inexplicáveis enriquecimentos e outros acontecimentos, ridículos, jocosos ou vexatórios, protagonizados por personagens do *grand monde* local, do passado ou contemporâneos. Afinal, já somos páginas vivas da história da cidade, informados sobre fatos, versões e histórias picantes que aqui se passaram. Explicavelmente, ao contrário do que se pensa, pouco falamos de sexo e de mulheres, assuntos sobre os quais já estamos já meio esquecidos ou nos mantemos discretos. Embora tenhamos entre nós professores da Faculdade de Direito, célebres advogados, promotores



aposentados e um juiz do juizado especial, o querido colega Ivo Tasca (já tivemos até juízes de direito), pouco falamos em direito ou assuntos forenses. Mesmo que nosso grupo abranja um perspicaz analista político, o Aniello D'Arienzo, a política, que já foi um assunto preferido, é cuidadosamente evitada, pois é da sabedoria geral que se deve evitar discussões sobre política e religião.

Tamanha é a curiosidade que nossas reuniões despertam na cidade, que às vezes aparece algum curioso, ávido para especular sobre os assuntos tratados. Até senhoras ou jovens da nossa sociedade de quando em quando timidamente assomam à larga porta. Sempre, — fora um caso lamentável acontecido há alguns anos, — são bem tratadas, convidadas às nossas mesas para saborear o indefectível cafezinho e alegrar e integrar o ambiente, que é invariavelmente de cordialidade e respeito, salvo alguns maus humores ou mal entendidos ocasionais, logo desfeitos e esquecidos.

Aldo é o responsável pela organização dos jantares, que são mensais e a cada vez pagos por um confrade diferente. Os nomes ou surgem espontaneamente ou são sugeridos por ele. E ai de quem recusar ou tentar protelar o compromisso. Para ele, que é a alma e líder do grupo, uma espécie de primeiro-ministro do presidente Donadussi, é uma questão de honra que não deixe de acontecer nenhum encontro mensal. Mostra-se implacável com os recalcitrantes quando se atrasam ou se omitem em organizar — e pagar — os jantares. O bom é que tudo costuma terminar em harmonia, geralmente num dos salões do Clube Comercial, com o grupo empolgado pelos incomparáveis manjares e vinhos e pela simpatia de Biasi e da “chef” Lisete.

Assim vamos nós, por esta quadra da vida, com Aldo Battisti e o grupo do bar Oasis.

* Frequentador do bar Oasis

A Praça Marechal Floriano e seu perdido esplendor

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Em seus começos mais remotos, por volta de 1910, a praça Marechal Floriano era um campo inóspito, onde a antiga Intendência havia plantado mudas de árvores ornamentais. Era fechada com cerca de arame farpado para evitar que o gado solto nas áreas contíguas — campos abertos e sem donos — a invadisse e frustrasse as incipientes tentativas de ajardinamento e arborização.

Mas a praça de que me lembro é outra, já magnificamente urbanizada, que conheci a partir dos anos 1950. Seu prestígio e esplendor vinham desde os anos 1930, o que manteve mais ou menos até a década de 1970. Era circundada por construções de extremo bom gosto, térreas ou assobradadas, que a picareta do “progresso” implacavelmente destruiu e desfigurou.

A praça era realmente o centro econômico e social da cidade. Era nela que se manifestava a alma da *urbs*, seu caráter, humor e alegria. Estavam ali os principais bancos — o do Comércio e o da Província, além do Industrial e do Agrícola Mercantil. Ali havia os cafés Elite e Colombo, sucedido pelo Haiti, vindo depois o Oasis e o Sonora, além do Bar Independência. Na praça estavam as grandes lojas — a Floriani, a São Paulo, a Casa Rádio, a Casa D’Arienzo, o Novo Bazar, a Casa das Sedas e A Moda, a Casa Edi, a Casa Sonora, além da Farmácia Serrana. Havia os cinemas, primeiro o Coliseu (substituído pelo Real), o Imperial e finalmente o Pampa, do outro lado da praça. O imponente Clube Caixeiral. Nela se edificou a majestosa catedral, aberta por volta de 1950.

O mais interessante era ver o elemento humano que a ocupava. Havia os senhores sisudos e enchapelados que lotavam os cafés, principalmente o mítico Café Elite, e as elegantes senhoras que



buscavam as novidades da moda nos magazines do entorno. Havia figuras típicas, como o guardinha Peri, os pipoqueiros, o seu João dos Amendoins e o homem das casquinhas, os conhecidos desocupados, os mendigos, os aposentados e os vendedores de bilhetes de loteria, entre tantos. Aos domingos, depois que foi inaugurada a catedral, a praça passou a ainda mais a ser frequentada pelos passo-fundenses. De manhã para as missas, à tarde para as matinês, passeios e cafés e à noite para os cinemas. Enquanto os pais assentavam-se nos bancos da praça ou às mesas dos cafés, aproveitando as tardes amenas e luminosas, as crianças folgavam livremente em brincadeiras e correrias por suas calçadas, gramados e alamedas.

O bom era ver o footing antes da entrada dos cinemas, que se repetia todas as noites e nos domingos começava pela manhã, com a missa das 9 horas na catedral, prosseguindo até o horário em que os espetáculos terminavam. As mais belas jovens da terra eram vistas ali nesses horários, antes dos espetáculos cinematográficos, e nas manhãs de domingo, depois da missa das 10 horas, em passos ritmados, num incessante desfile, indo e vindo pela ala direita da Avenida General Neto. Os moços e até os não tão moços se postavam nas alas externas, sobre os canteiros e o meio fio da calçada, para vê-las, admirá-las e dirigirlhes algum ousado galanteio.

Aos sábados pela manhã, quase ao meio-dia, havia um espetáculo à parte. Multidões de alunos uniformizados dos principais educandários — Osvaldo Cruz, Conceição, Notre Dame e IE — na saída das aulas, ocupavam o lado da praça em frente à catedral.

Era um momento mágico: No cenário havia sol, luz, as árvores, os perfumes das flores, o canto dos pássaros, as vozes e a alegria da juventude. Éramos felizes e não sabíamos.



MARCO ANTONIO DAMIAN¹¹

Simplemente Guigota

Quem chegasse ao Bar Oásis, há alguns anos atrás, e perguntasse: “Alguém conhece o Aguir Matheo?” Certamente ninguém saberia. Mas se indagasse: “Quem é o Guigota?”, não haveria dúvida: “É aquele ali”, responderiam todos, apontando para aquele sujeito simples, cercado de amigos, invariavelmente falando de futebol. Agora convenhamos. Aguir Matheo é um nome incomum, estranho, difícil até de pronunciar. Guigota não. Guigota tem até sonoridade e é muito simples, como simples foi seu dono. Bom Guigota. Era um fanático por futebol. Foi treinador, massagista, supervisor, árbitro, dirigente, enfim boa parte de sua vida foi dedicada ao esporte. Muitas estórias eram atribuídas a ele. Algumas verídicas, outras não, mas que acabaram fazendo parte do folclore dos cidadãos de Passo Fundo.

Guigota, o torcedor

Dada a proximidade de sua casa com o velho campo do Gaúcho na Vila Vergueiro, Guigota, quando criança, não saía de lá. Assistia a treinos e jogos, além de disputar peladas com seus amigos. Tornou-se torcedor alviverde. Seus outros times eram o Grêmio, Flamengo e Palmeiras. Por eles discutia seus pontos de vista até morrer. O Gaúcho era sua maior paixão e o domingo era sagrado o dia de ir ao estádio. Quando o Gaúcho jogava fora de casa, ia assistir aos jogos do 14 de Julho, secando veladamente, pois tinha muitos amigos com o coração rubro.

¹¹ Historiador, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Membro do Instituto Histórico de Passo Fundo; Membro da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol.



O envolvimento com o esporte

Guigota foi secretário da Liga Passo-Fundense de Futebol de Salão. Técnico do time juvenil do Capinguí. Técnico dos times adultos do Guaraé, Los Terribles, Atlanta, União e Pindorama. Foi massagista do Capinguí (campeão estadual em 1960) e Guaraé. Foi árbitro de futebol de salão. No futebol de campo foi técnico do juvenil do 14 de Julho, do Gaúcho e do time principal do Riograndense. Árbitro da várzea, supervisor do Gaúcho e auxiliar de massagista de Daltro Vitório Pinto, no Gaúcho. Além de ter sido cronometrista e organizador de várias competições de futebol de salão, campo e basquete.

Uma estória do Guigota

São muitas. Guigota foi o protótipo do folclore. Uma das melhores e publicáveis foi a seguinte: Guigota foi convidado a treinar o time do Daer, numa partida no campo do Colégio Conceição. Era domingo de manhã e apenas 11 abnegados “atletas” se colocaram à disposição de Guigota para a preleção. Guigota, muito teórico, explicou como o time tinha que jogar e olhando para Bochincho, lhe disse: “Bochincho, tu fica no banco”. Incrédulo, achando que era gozação, Bochincho respondeu: “Mas Guigota, nós só estamos em onze”. Rispidamente Guigota respondeu: “E se alguém se machucar, quem vai entrar?”. Esse era o Guigota.

A paciência de Guigota

Essa era célebre. Quase nada abalava o pacato Guigota. Sempre calmo, disposto a apaziguar qualquer discussão, tolerante com as



brincadeiras, humilde, não media esforços para fazer favores a amigos. Para avaliar sua paciência basta dizer que Guigota era assistente de jogo de carta. Pasmem. Guigota sentava numa mesa de jogo para assistir as partidas de pife. Às vezes passava a noite. No fim de cada rodada, fazia algum comentário. Certa feita no Bar Snooker, que ficava na Rua Moron, onde hoje é à entrada da Galeria Mazzoleni, ele estava assistindo jogos de sinuca. De repente bateu a polícia à procura de vadios. Naquela época a polícia detinha os desocupados e dava um prazo para eles arrumarem trabalho, senão era cadeia. Um dos policiais olhando para Guigota perguntou o que ele fazia ali em plena tarde, em dia de semana. Inabalável Guigota respondeu: “Vim apenas trazer o nome de um remédio de gripe, que uma funcionária do bar me pediu”. A cara de pau de Guigota era apreciável.

O boêmio Guigota

Guigota estava para a noite assim com as estrelas também estão. Seu roteiro noturno incluía vários bares e cabarés até encontrar uma bela (às vezes nem tanto) mulher para jogar-se em seus braços. As estórias de Guigota na noite são centenas, a maioria impublicáveis. Das altas rodas até o baixo meretrício Guigota transitava à vontade. Era um notívago contumaz. Guigota morreu em junho de 1991 e com ele sepultou-se alguns fatos que ninguém ficou sabendo. Ah, ia esquecendo. O nome completo de Guigota era Aguir Matheo Damian e não por acaso era meu tio.

Texto escrito por Marco Antonio Damian publicado no jornal Diário da Manhã, em 20 de abril de 2002.



A Viagem

Marco Antonio Damian

Hoje em dia pegar um ônibus e ir a Porto Alegre é extremamente fácil. Em aproximadamente quatro horas chegaremos ao destino. Tudo muito simples, se comparado há uns 40 anos atrás, quando os ônibus não tinham conforto, a estrada era de chão batido, com muito barro ou poeira, conforme o clima, e demoravam-se umas oito ou nove horas para chegar lá.

Pois bem. Dia desses deixei Passo Fundo às sete horas da manhã para Porto Alegre. Viagem boa, tranquila, quase todos os passageiros dormindo, alguns lendo, um silêncio absoluto. Apenas ouve-se o barulho do motor do ônibus.

Ao chegar à rodoviária de Porto Alegre, a primeira coisa que fiz foi puxar do bolso R\$ 1,50 para realizar o mais simples dos atos fisiológicos. Depois nos me dirigi ao guichê para comprar a passagem de volta. Sempre para as 19 horas.

Porto Alegre é cansativa. Caminhar pelo centro da cidade requer paciência, fôlego e bom preparo físico. É muita gente nas ruas. Por menos que caminhes, ao menos uns dez quilômetros o fará. Não é como Passo Fundo que tudo é perto.

Assim, próximo das 19 horas chego à Estação Rodoviária exausto. Cansado de tanto andar, cansado pelo calor, aliado ao sono que chega naquela hora, pelo simples fato que acordei antes das seis da manhã, para chegar à rodoviária antes das sete.

Próximo ao ônibus encontro sempre alguém conhecido, que também está voltando. O diálogo se dá invariavelmente da seguinte maneira:



- Tudo bem?
- Tudo bem?
- Passeando em Porto Alegre?
- Não, vim resolver alguns negócios.
- Que calor, não é?
- Bah! Bota calor.
- Boa viagem para nós
- Boa viagem.

O papo acabou ali mesmo. Entro no ônibus, no lugar 33, janela. Ao meu lado ainda ninguém. Cada um que entra no ônibus parcialmente vazio, fico pensando. “Quem será que vai sentar ao meu lado?” De repente entra um rapaz de uns 30 anos. Gordo, muito gordo. Deve pesar uns 130 quilos. Vem em direção à poltrona vazia ao meu lado. Penso com vigor, se sentar aqui estou ferrado, vou ficar espremido. Para minha sorte ele senta no banco do outro lado do corredor, paralelo ao meu. Atrás dele uma linda loirinha, com seios fartos apertados numa pequena blusa branca. Os seios parecem estar com vontade de se libertarem daquele aperto. Veste calça jeans, igualmente apertada e possui uma pequena e delicada tatuagem à mostra no ombro. Peço à todos os deuses que ela sente ao meu lado. Talvez durma na viagem e encoste sua cabeça em meu ombro. Talvez puxe um papo legal e tenhamos alguma afinidade. Será que ela gosta dos Beatles? Vou puxar conversa sobre a vinda de Paul Mac Cartney a Porto Alegre. Mas ou deuses não estavam ao comigo e a loirinha sentou exatamente em minha frente. Peguei então o livro que eu tinha pensado em dedicar à leitura, ao menos até deixarmos Canoas, antes de escurecer. Mas repentinamente a loirinha joga inopinadamente o encosto de sua poltrona para trás, quase derrubando meu livro. Não esbravejei, mas todos os devaneios que tive quando a loirinha entrou no ônibus, se perderam ao vento. Agora pensava: “essa porra não tem respeito com ninguém. Está avançando em meu espaço dentro do ônibus.” Logo depois pedi paciência



a mim mesmo e pensei: “estou com sono e cansado. Acho que vou dormir a viagem toda”.

Ao lado do jovem gordo sentou um senhor de meia idade, careca, com uma camiseta verde e uma camisa jeans por cima. Ao meu lado finalmente sentou um jovem. A primeira coisa que fez vou tirar um note book da mochila. Pensei: “só falta esse cara ligar este troço e ficar aquele clarão na minha cara”.

O ônibus deixou a rodoviária em direção a Canoas. Um baita movimento. Eu ali na janela 33 olhando para fora e vendo o ônibus andar um pouquinho e parar, andar mais um pouquinho e parar novamente. Foram uns 40 minutos da rodoviária até chegar à estrada que leva à BR 386. O jovem do meu lado guardou o note book. Que alívio. O careca não parava de falar alto ao celular e o gordo ligou a luzinha para ler. O encosto da poltrona da loirinha quase no meu colo. Era ruim de me mexer. Dei uma cochilada, mas as luzes de fora me acordavam cada vez. Quando chegou ao pedágio de Fazenda Vila Nova me acordei de vez. Comecei a perceber então a peregrinação de um baixinho, com vasto bigode ir ao sanitário. Cara, a cada 15 minutos mais ou menos, o baixinho ia ao sanitário. Quando não era ele, eram outros. Chegavam devagar e batiam a porta com força. Blam. Cada vez me acordava de meu breve cochilo. Até que uma senhora foi ao sanitário e não sabia como acender a luz. Dois passageiros que estavam mais próximo ao sanitário passaram a lhe explicar e ela não entendia. E eles explicando didaticamente, em voz cada vez mais alta.

A viagem era um circo. O careca roncava muito alto. Olhei para a poltrona do lado e o gordo passava a mão no rosto, inconformado com a “serra elétrica” ao seu lado. O ronco do cara era de muitos decibéis. Isto possivelmente tirava a concentração da leitura do gordo. O baixinho retornando ao sanitário, cada volta e meia. Que viagem miserável. Ainda é cedo para dormir e tarde para ficar olhando a paisagem e se distraindo, pois lá fora, apenas as luzes dos carros e caminhões em sentido contrário iluminam alguma coisa.



Os pensamentos aumentam em profusão. Afinal são quatro horas sem fazer rigorosamente nada a não ser pensar e esperar. Para me conformar pensei que pior foram para os escravos que remavam aquelas galés, ritmadamente. Vi em filmes em que estrelava o Charleston Heston. Ficava um sujeito batendo num tambor e vários carrascos chicoteando os remadores, aqueles que fraquejavam e não remavam no ritmo do tambor. Aqueles caras sofreram mais que eu no ônibus da Unesul.

Os celulares então não param. Apenas nos locais onde não há sinal. Próximo às cidades por onde passamos é trilar para cá, trilar para cá, os mais diversos sons e apitos. Alguns passageiros escutam musicas com fones de ouvidos, mas elas teimam em escapar dos ouvidos deles para penetrar raivosamente nos nossos. Toca o celular da loirinha na minha frente. Ela atende com voz sonolenta e diz: “estou passando Tio Hugo. Acho que falta meia hora para chegar. Vou descer o Notre Dame. Me espere lá. Um beijo”. Na sequência outro celular toca. A moça começa a mexer na bolsa para achá-lo. Não tem jeito. O celular tocando cada vez mais estridente e, ela ali no escuro, procurando em sua bolsa lotada de cosméticos e tudo o que é supérfluo, a moça não consegue achar o telefone. Finalmente quando atende, quem chamou desliga. É a vez de ela ligar. “Pai, tudo bem? Não conseguia achar meu celular na bolsa. Daqui a pouco estaremos chegando. Me pega na rodoviária. Tchau. Um beijo.”

Assim sucessivamente, os celulares tocam, trilam, apitam. Os diálogos se confundem. Eu sentado sempre do mesmo jeito na poltrona, canso. Não tenho mais como me sentir confortado. O careca continua falando que terá que ir a Carazinho buscar seu carro, mas só amanhã de manhã. O gordo abandona o livro que tentava ler e finalmente desliga a luzinha que incomodou durante toda a viagem. Passamos o bairro Bom Recreio e Passo Fundo está ficando mais próxima. Ainda tem aquele que volta ao sanitário. Não pode esperar até chegar em casa. O ônibus para no Notre Dame. Mais ou menos à metade dos passageiros desce, para desespero dos taxistas da rodoviária. O restante e eu me incluo neles, desce na rodoviária. Pego um táxi para ir até minha casa. Na Rua Ângelo



Preto, um vai e vem de prostitutas e travestis. Bem, cheguei a Passo Fundo.

Aprendi mais uma lição. Não vou mais voltar de Porto Alegre para Passo Fundo no ônibus das 19 horas. Acharei outra alternativa.

A TRAGÉDIA DO VÔO 280

Marco Antonio Damian

Eram aproximadamente 17,25 horas de uma segunda-feira, dia 1º de julho de 1963. O avião Douglas DC-3, prefixo PP-VBV 280, da Varig, saía de Porto Alegre com destino final a Erechim e naquele horário decolava do aeroporto de Carazinho, sua primeira escala. A segunda seria em Passo Fundo. Ao decolar, o telegrafista de bordo Ari Santos se comunicou com o aeroporto Lauro Kurtz, solicitando as condições meteorológicas. A resposta foi contundente e nervosa: “Peço para apressarem-se, pois um forte nevoeiro se aproxima pelo setor sul”. O aeroporto de Passo Fundo, em que pese às circunstâncias desfavoráveis do tempo, naquele momento, oferecia condições para pouso.

Pouco mais de 30 minutos depois, naquela tarde fria de inverno, os passo-fundenses deixavam seus trabalhos apressados, se encaminhando às suas casas. Repentinamente se surpreenderam com o enorme avião que parecia perder altitude. Voava rasante, atravessando denso nevoeiro. Maior surpresa tiveram os funcionários da Olaria São João, localizada no então distrito de São João da Bela Vista. O enorme avião passou a poucos metros de suas cabeças e próximo ao mato ali existente espatifou-se contra um pé de sapopema. O estrondo foi ensurdecedor. O Douglas DC-3, foi abrindo uma clareira no pequeno mato e as chamas clarearam a noite que se previa gelada.

Quem chegou primeiro ao local foram os empregados da Olaria São João, Nicanor Vihnsti, Miguel Rodrigues e Nicanor Lima de Carvalho. Assustados, assistiram à cena mais estarrecedora de suas vidas. O avião em destroços, corpos parcialmente mutilados que jaziam ao solo e alguns sobreviventes se arrastando para longe ao avião que jorrava combustível. Imediatamente as primeiras testemunhas do insólito acidente procuraram ajudar os poucos sobreviventes da tragédia. Eles eram cinco.



Duas mulheres e três homens. Uma delas, depois reconhecida como Virginia Lima pôs-se a rezar, ajoelhada próximo ao avião. Em poucos minutos sua voz foi enfraquecendo e ela ainda teve tempo de olhar para o céu cinzento, quase escuro, e tombar sem vida. Outro sobrevivente, José Aramis Rodrigues também rezava e assim o fez até chegar ao Hospital São Vicente de Paulo.

Em menos de 20 minutos começaram a chegar os socorros. O Sargento Vitalino da Brigada Militar, inicialmente comandou as operações ao lado de outros policiais militares, policiais civis, bombeiros, policiais rodoviários, militares do exército e até escoteiros, todos chamados ao local para apagarem o fogo, socorrerem os sobreviventes, resgatarem os corpos e também para evitarem saques ao avião. O fato sinistro e sanguinário causou fascínio à população. Milhares de pessoas acorreram ao local. Mais de 800 veículos ficaram estacionados ao longo da rodovia. Pessoas perdidas na escuridão, algumas caminharam mais de cinco quilômetros, com frio intenso, para chegarem ao local. Era um acontecimento único.

A tripulação era composta por quatro pessoas, todas mortas no momento do acidente. O Comandante se chamava Magnus Bacheuser, que momentos antes da queda foi arremessado para fora da aeronave. Com profundo corte no crânio foi encontrado a uns 20 metros do local. Os demais eram: o Co-piloto José Luis de Moraes Azevedo, o Telegrafista Ari dos Santos e o Comissário de Bordo, Milton Galvão Balaro. Entre os nove passageiros do avião sete morreram no local ou no hospital. Os dois que sobreviveram foram: José Aramis Rodrigues e Celanira Nunes, irmã da outra passageira Virginia Lima. Os mortos eram: Dr. Paulo da Silveira Fernandes, Engenheiro Agrônomo, funcionário da Secretaria Estadual de Agricultura e professor da Faculdade de Agronomia de Passo Fundo. Morava em Porto Alegre, mas havia residido nesta cidade e era casado com Déa Rache Fernandes, de tradicional família passo-fundense; Dom Luiz Felipe de Nadal, Bispo da Diocese de Uruguaiana, vinha a Passo Fundo para participar de um encontro religioso da Congregação Marista; Marialvo Bonassina era funcionário da CEEE e poucos dias antes



regressara de Paris, onde havia feito curso de aperfeiçoamento. Vinha a Passo Fundo ministrar curso de eletrotécnica para os funcionários da empresa; Delmar Luiz Rigoni era aluno da Faculdade de Direito de Passo Fundo, na época com frequência livre. Vinha prestar provas, pois se formaria no final daquele ano; Nelson João Panizzotto, de Porto Alegre, era viajante comercial do Laboratório E.R. Squibb; Virginia Lima, também de Porto Alegre, viera com a irmã Celanira visitar outra irmã que estava enferma e Amílcar Morganti, residia em Erechim e regressava de Porto Alegre à sua cidade.

As causas do acidente do voo 280 da Varig foram investigadas e analisadas pela Comissão de Acidentes, ligada a Comissão Permanente de Estudos Técnicos da Aviação Civil. Após alguns meses de investigação chegou-se a conclusão de que poderia ter sido falha humana, em razão do tempo desfavorável. Poderia o Comandante ter se comunicado com o aeroporto e seguido viagem até encontrar condições mais favoráveis para o pouso, em outra cidade.

Passaram 44 anos deste acontecimento e felizmente nunca mais ocorreu tragédia dessa natureza em nossa cidade.



MEIRELLES DUARTE¹²

O jubileu da graça da Irmã Maria Gregórie

Viveram as irmãs de Nossa Senhora, dos colégios Notre Dame, na quinta-feira, dia 13 de janeiro de 2005, um dos momentos mais significativos para a ordem, em Passo Fundo, e para o próprio Brasil. Reunidas num ato religioso, numa santa missa presidida pelo Bispo Dom Urbano Allgayer, com um sacerdote vindo da Alemanha especialmente para esse ato, e mais o pároco de Santa Terezinha, o Padre Gervásio Backes, as religiosas homenagearam irmãs jubilares, desde as que completavam 25 anos até a Irmã Maria Gregórie que completava 70 anos de vida religiosa, chamado Jubileu da Graça. Cada uma com uma história, com uma vida a relatar, inteiramente voltada ao chamamento do Senhor, que prometeu aos seus seguidores não só a felicidade terrena, vida em abundância, mas a recompensa eterna. Poderíamos relatar cada uma das jubiladas, todas com caminhadas marcantes voltadas para o ensino, para o conforto aos enfermos, à formação de novas religiosas, ao amparo e direção de orfanatos é asilos. Ficamos com a detentora do Jubileu da Graça. Nascida na Alemanha, recém formada, com seus últimos votos que se tornaram perpétuos, Irmã Maria Gregórie escolheu o Brasil, país ainda jovem e carente de dedicadas educadoras católicas, para exercer sua nobre missão. Superando todas as dificuldades da época, início da década de 30, terminou chegando a Passo Fundo, onde os 70 anos foram, praticamente, consumidos por inteiro.

Foi diretora do nosso Notre Dame, de 1957 a 1968, aí marcando sua personalidade forte, nos tempos dos internatos, onde a disciplina imperava e grandes personalidades foram moldadas não só para a vida familiar, mas em benefício da própria sociedade, com o ingresso da mulher nos bancos universitários. Irmã Gregórie marcou para várias gerações.

12 Jornalista, membro da Academia Passo-Fundense de Letras



Hoje as netas e netos das primeiras alunas figuram em grande número nos bancos escolares do colégio. Se fôssemos buscar todas que, sob sua direção e orientação, estudaram, seria difícil encontrar um local para abrigá-las. O amor pelo Brasil fez com que, assim que o tempo de sua permanência permitiu, se naturalizasse brasileira. Com essa atitude, que foi mais uma confirmação do seu amor pelo nosso país, jamais deixou de comparecer a um pleito, fosse municipal, estadual ou federal.

Agora mesmo esteve presente à urna eletrônica para digitar seus votos, com grande alegria e satisfação irradiados no seu olhar. Indagada pela irmã Carmem, que a acompanhou até a urna, sobre a emoção de mais um pleito, respondeu: "Desde que me naturalizei, há mais de 50 anos, nunca deixei de votar. Sinto como um sagrado direito poder participar, como cidadã brasileira, da vida política e da construção do bem maior de nosso povo. Acompanhei atentamente pelos jornais, rádios e televisão, os nossos candidatos, e não tive dúvidas em escolher aqueles que mereciam meu voto." - Apoiada em sua bengala, continua dando assistência às 170 crianças da Casa da Criança que foi construída em Iraí. Para as irmãs idosas e enfermas, redige todas as correspondências, a maioria em alemão, para os parentes de cada uma, de forma manuscrita.

Continua mantendo um intercâmbio com jovens da Alemanha, abrigando, atualmente, três estudantes que assim que aqui chegaram foram por ela orientadas, recebendo lições da língua portuguesa. Essa é Irmã Maria Gregórie, cuja vida, de conteúdo volumoso e rico, caberia num romance, entre as grandes biografias dos que conosco conviveram. Sua vida foi e continua sendo o mais tocante exemplo de amor a Deus e aos seus semelhantes, numa fiel missão, tão bem definida pelo Criador, aos seus escolhidos para este mundo. Exemplo de mulher, modelo de religiosa, um coração que só irradia amor, muito amor para todos com os quais convive. Parabéns, Irmã Maria Gregórie! Somos todos orgulhosos e felizes por termos tido a felicidade de conhecê-la, admirá-la e conviver em sua companhia.

Os meios educacionais e religiosos de nossa cidade festejam o Jubileu da Graça de uma das mais queridas religiosas que, por sete



décadas, tem sido a mão amiga, segura e orientadora para muitas gerações de jovens, todos encaminhados para uma vida digna, cristã, e do mais puro sentimento de fraternidade e amor. Todos comemoramos os 70 anos de vida religiosa da estimadíssima Irmã Maria Gregórie, da congregação das Irmãs de Nossa Senhora ou Notre Dame.

Irmã Maria Gregórie (Antonie Elisabet Maria) nasceu na Alemanha, no dia 9 de junho de 1911. Seus pais, Antônio e Wilhelmine Schwiegershausen, tiveram mais dois filhos, Wilhelmine e Antônio Augusto. Os 3 irmãos Schwiegershausen receberam uma invejável herança dos seus pais: amor à natureza, paixão pela leitura e pelo estudo, a caridade para com os pobres e, sobretudo, uma sólida educação cristã. Antônio frequentou a escola elementar e secundária em Paderborn, Alemanha, passando depois para o Liceu Superior, onde conquistou o diploma de professor primário. Muito dedicada à leitura, Irmã Gregórie encontrou histórias e relatos de missionários da África, Ásia e Brasil, nascendo em seu coração a vocação religiosa e missionária.

Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora (Notre Dame) em setembro de 1932, em Mülhausen, Alemanha, e emitiu os primeiros votos religiosos em 18 de junho de 1935. Dois dias depois, com quatro companheiras, embarcou para o Brasil, onde desembarcou, no dia 24 de julho de 1935. Em 1936, iniciou sua missão como professora em diversas escolas: em Taquara, Caçapava do Sul, Canoas, Carazinho. A partir de 1948, trabalhou no Colégio Notre Dame, de Passo Fundo. Foi professora de Latim, Matemática, Religião, Espanhol, Didática da Catequese, Filosofia, História e Psicologia da Educação. Irmã Maria Gregórie é diplomada em Pedagogia e em diversos cursos de aperfeiçoamento e extensão universitária.

De 1957 a 1968, foi diretora do Colégio Notre Dame. No período de 1969 a 1980, foi responsável pela supervisão e coordenação das Escolas Notre Dame no Brasil. Atualmente, está dedicada ao registro e estudo da História da Congregação e faz traduções para o português. Mantém correspondência com entidades assistenciais da Alemanha, buscando recursos financeiros para crianças carentes. Uma vida tão rica



de boas obras foi coroada, no dia 13, quinta-feira, com a celebração de um grande jubileu: 70 anos de consagração religiosa. 70 anos... É Jubileu da Graça, assim denominado, porque é realmente uma graça de Deus chegar a uma idade tão avançada e continuar na missão a que se dedicou toda uma vida. Com seus bens vividos 93 anos, desde 1950, quando se naturalizou brasileira, nunca deixou de votar. Inclusive no recente pleito do último dia 3 de outubro de 2004, compareceu diante da urna eletrônica e digitou seus candidatos

Parabéns, Irmã Maria Gregórie !



MIGUEL GUGGIANA¹³

As normalistas do Notre Dame

(Ou como era boa a vida na Praça Marechal Floriano!)

Parece que estou me vendo ali, na Praça Marechal Floriano, ainda infante imberbe, encostado num pé de cinamomo chupando um caramelo com mel. Só na butuca, disfarçando, o que atualizando para os dias de hoje seria algo como “fazer cara de paisagem”.

Essa imagem me acompanha até hoje. Calma, calma... Já conto. Passa a garrafa...

Mas primeiro alerta: os fatos, tenho certeza, quase absoluta convicção, poderiam ter acontecido mesmo, e o tempo já há muito decorrido, acho que foi lá pelos anos de mil novecentos e tantos... enfim, essa imprecisão pode me levar a pequenas incorreções ou exageros.

Era minha rotina diária esperá-las, chovesse ou fizesse sol, com sabatina marcada ou não, campeonato de quem mijava mais longe, jogo de bolita, o que fosse. Nada, nada era motivo para não estar ali, ainda infante imberbe, encostado como já disse, só bispando.

Pra quem não entende o que quero dizer ou não me entendeu até este momento, refiro-me às normalistas do Colégio Notre Dame. Não sei por que tinha que ser normalista de colégio de freira. Um dia, talvez em outra vida, procure o Dr. Freud e esclareça essa fixação.

Colega do Fermino no São Vicente?! Se formou com o Élton?

13 Contista estreado



Meus Deus, vivente, escute quieto!

Confesso que foram meu sonho de consumo na época. Egoisticamente queria todas elas só para mim, independente de graduação, de altura, de ser a mais gorda, a mais magra, a que tirava nota baixa, a cdf que só tirava nota alta, mas desde que paramentadas com aquele uniforme e o corpo inundado de Leite de Rosas. Agregando combustível às figuras, de quando em vez, o sopro de uma brisa a eriçar-lhes as penugens dos pescoços desnudos pelo penteado em coque. Pelinhos imperceptíveis dançando La Cumparsita naquele palco singular. Só vendo... Era de matar. De morrer, metaforicamente.

Saíam aos bandos, de quadrilha da Escola Normal, em condições de normalidade, mas como que por encanto e para o meu encanto, depois de poucas braças, se transformavam de meninas em mulheres, com aqueles lacinhos no pescoço, os sapatinhos pretos, os carpins brancos, as saias pregueadas. Ah! As saias! Tu não vais acreditar, encurtavam ao longo do caminho uns bons centímetros.

Independentemente de onde moravam, a praça era uma passagem obrigatória.

E eu ali encostado... Na espreita... Só no disfarce.

De longe percebia a chegada delas, o calçamento de paralelepípedos tremia ao passos delicados daquelas rosas de todo ano esbanjando sensualidade à flor das pernas, e eu, naquela posição privilegiada, via em primeira mão o transitar de suas donas.

Gambitos

Roliças

Torneadas

Não importava, caminhando...

Daquele jeito, com trejeitos



Arrulhando sensualidade

Balançando as ancas

Pra lá

Prá cá

Prá lá

Prá cá

Num movimento perfeito.

Sem exagero, os pássaros desapareciam, as flores murchavam, o comércio parava, a turma do Oásis babava, o pároco fazia o sinal da cruz, a cuscoma interrompia o coito na grama, o parceiro paralisava, a dupla de Pedro e Paulo batia continência, o chauffeur do ponto recusava corrida, o alto-falante emudecia, os postes de luz curvavam-se em mesuras.

Perdiam a razão, sucumbiam. O mundo da praça se transformava em um rio de mel.

Coisa de cinemascopo! De cinemascopo!

Eu não... Infante imberbe, mas sabia o que era bom, mantinha a linha de raciocínio incólume. Eu pecava. Muitos, vários, de todo o jeito, individual, coletivo, com todas, sem discriminação, imaginando mais de mil deles, todos mortais. Mortalíssimos. Pecaminosos. Lúdicos. Lúbricos.

Esse tipo de pecado é bom, mas tem seu preço. Acabei me martirizando demais e andei, como penitência, pensando em bobagens, como suicidar-me tomando Fanta Uva com chá de losna, vender Avon na Brasília ou, imagine só, até trabalhar de missionário mórmon na África.

Sim. Tá... Já te respondo. Escute. É evidente que estou vivo e que não abracei nenhuma daquelas atividades. Sabe quem me salvou? Um padre. Verdade!



Achei que estava pecando demais e procurei um, era só atravessar a rua, bem defronte da praça. Nunca tinha pisado naquele templo, mas a possibilidade de fritar no inferno me impelia a procurar o caminho da salvação.

No confessionário descarreguei umas duas horas de pecado, sem parar, isso que me esqueci de alguns e outros omiti completamente. Desconfiado que não teria nenhuma recriminação, nada de fogo do inferno, nem expulsão da Igreja, nem cancelamento de meu batismo, intentei de dar uma olhada para dentro daquela casinha. O padre chorava! Chorava a cântaros. Aparava as lágrimas em uma bacia. Rapaz, que situação!

Poderia ser infante imberbe, mas pra burro não servia... Percebi logo que aquele com vestes diferentes era um homem como nós, solidário e irmanado nos mesmos pecados. Não titubiei, assumi a direção espiritual, arranquei o escapulário de suas mãos, fiz um gesto em direção a sua frente e disse: “ Ego absolvere at me absolvere! Ego absolvere at me absolvere!”.

Foi um santo remédio! Eu mesmo perdoei nós dois! Só recomendei: não espie mais as gurias do Notre Dame, pode dar uma recaída... E para não deixar de barato, mandei rezar duzentas e dezessete Ave Maria como expiação socioeducativa.

Elas eram, como vou te dizer... poderosas! explosivas! diabólicas! Resumindo? Cruza de poesia com perfume! Tá bem!

Bah! Tens que perguntar isso? O latim? Não, eu nunca estudei, mas naquele momento me brotaram aquelas palavras não sei donde. É como eu disse... Faz tanto tempo que posso ter agregado algum valor ao fato que poderia, com convicção, quase certeza, ser verdade ou não. Ou não dessa forma. Ou mais ou menos assim.

Mas cá entre nós, eram lindas. Ainda as vejo coladas na minha retina caminhando...



Daquele jeito, com trejeitos

Arrulhando sensualidade

Balançando as ancas

Pra lá

Prá cá

Prá lá

Prá cá

Num movimento perfeito.

Sei. Estou sendo repetitivo. Quando bebo fico chato, reconheço...

Bueno parceiro, já está tarde, a prosa no Bar está boa, mas tenho que ir. O padre? Fica pra outra oportunidade.

Ah, me desafia a mais uma? Tá bom, então: Garçom, a saideira! E retomando o caso, o f.d.p. do padre...



“O Bar do Moa morreu...”

Miguel Guggiana

Quem leu “Coisa de bar. Estória”, referenciando o Bar que existia ali na Moron com a Benjamin Constant e que hoje está “quase demolido”, dê os devidos descontos, pois viajei muito no texto. A única coisa real e que inspirou o escrevinhador foi o luminoso da Antarctica e a estrutura física do prédio.

O resto, o drama do garçom, a arquitetura do local, as músicas dor de cotovelo, os frequentadores, a mobília, a Maysa cantando com seus olhos verdes, os pinguins do luminoso inseguros quanto ao seu destino, o ambiente enfumaçado, aquele perfume latente no ar, as vozes tristes, entrecortadas, clamando “Garçom, a saideira!”, tudo isso foi fruto da minha imaginação.

Mas tem gente que frequentou o Bar de verdade que existiu naquele mesmo local e jura que tudo aquilo poderia ter existido. Este, o verdadeiro, chamava-se “Bar do Moa”. Reinou como “point” da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década, mais ou menos no entrevero dos anos 1970, talvez até 1985. Talvez mais. Ou mais ou menos isso. Cronologia matemática em se tratando de bar nunca vai existir. E nem deve. Fica na penumbra.

Abrigava ocupados, desocupados, turmas das mais variadas e solitários tristes, nas mesas de seu interior, e nas da frente dispostas na calçada. Mesas de bar, ah!, como são valorizadas nesse ambiente etílico!... Escutem Reginaldo Rossi cantando “Garçom, aqui nessa mesa de bar...” e o poeta Julio Perez poetando “Onde antes havia – alguém – agora só restos; tocos de cigarro, copos vazios. Onde antes havia – vida – agora; uma mesa de bar”. Estilos diferentes, contemporaneidade distintas, mas ambos valorizando o tema por meio da poesia.



Falava em mesas. Em turmas. Em tristes. As da calçada e mais próximas à porta eram disputadas pela turma dos *moronboys*, dos *joia* e dos *punks*, entre outras. Imaginem-nas inundadas de garrafas, copos cheios, seus ocupantes trucidando cantoria e conversa alta. As do fundo, no fundão, lugar mais úmido, sombrio, quente, frio, silêncio de igreja, eram destinadas aos tristes. Vazias! Quando muito um copo zanzando com uma purinha, com um triste ali, só, mas feliz por estar triste. E não gostavam de companhia. Alguém já viu um grupo de tristes juntos? O triste é um solitário.

Essas mesmas testemunhas que me conduziram a pintar o quadro inicial com seus depoimentos fizeram uma analogia entre o verdadeiro e o real. Pouca discordância.

Uma delas foi quanto à entrada de refrigerante no ambiente. Naquele imaginado não se permitia. No do Moa consumiam, sim, mas para misturar à cachaça compondo o velho “samba”, ou para adicionar ao uísque, embalando a composição “são dois prá lá dois prá cá”, regada a uísque com guaraná. Claro, com a Maysa. Fora disso, não mesmo.

De resto, unanimidade. A mais significativa era que o Bar do Moa, o real, tal qual o sonhado, fora um bar de verdade. Dos antigos. Com todas as qualificações de um bar que se preze, principalmente a que se refere à aura do lugar, que não se cria por decreto ou carrega na compra do ponto, mas se cristaliza do nada. E essa marca, subjetiva, não se restringia àquele local ou se limitava ao incerto horário de seu encerramento, mas se estendia para seu exterior, carregada nas relações ali compactuadas pelas turmas ou pelos tristes. Envolviavam amor, paixão, dor de cotovelo, traições, conversa fiada... Essas coisas que só um bar de primeira patrocina.

O passo-fundense Ricardo Camargo, certamente associado à turma da calçada, inspirado na sua própria vivência, compôs uma música intitulada “No Bar do Moa”, que nos dá bem uma ideia de sua representatividade no contexto e do espírito do lugar na época:

“Saio às 6 horas no meu tranco



E desço a Rua Moron, Moron, Moron, Moron,

E lá no Bar do Moa encontro a turma

Do bom, do bom, do bom

Do bom papo e da cachaça

E a moçada bebe mais e mais, e mais...”

E por aí segue destilando melodia...

Mas ainda existe alguma coisa por lá. Pegue carona na música, desça a Moron no tranco e pare em frente. Entre. Tapumes não serão impeditivos. À medida que passar a linha tênue entre a calçada e o ambiente interno daquele outrora templo, tente imaginar: os trinados daquela música vão ficando ao longe, ao longe, ao longe, e outro som, aos poucos, suavemente vai tomando conta. Pare um pouco nessa viagem, feita no plano do imaginário, e olhe para os lados. Muita gente, milhares, todos cantando. E a orquestra, completa, com seus artistas vestidos a caráter, de fraque em pleno sol, sob a regência de Nicollo Paganini atacando de “Tango pra Teresa”.

Trágico e triste como tem que ser. E como só um tango sabe.

De repente, o maestro encerra a música, enxuga as lágrimas e, abandonando sua postura sonhadora, assume a de um comandante. Travestido como o mais disciplinador dos militares, talvez um SS de gema, e com o olhar transfigurado, quase belicioso, determina que todos juntos às suas mesas perfilarem-se e num unísono, sob seu comando, levantem os punhos cerrados e bradem: “Garçom, a saideira!”.

E num passe de mágica, como o Bar do Moa que exteriorizava emoções, esse som se multiplica, toma corpo, transfere o pranto para o céu e induz a que em todos os botecos, bares, cabarés, puteiros, do mais fino ao mais decadente, de todos os rincões, através de seus filhos, adotem naquele mesmo momento idêntica postura respeitosa e repitam o mesmo gesto, bradando num efeito dominó: “Garçom, a saideira!”. Em Francês. Em inglês. Em russo. Em ídiche. Em esperanto. Em espanhol...



E se propaga... E se propaga... Pelo mundo afora. E bradam... E bradam...
Pelo mundo afora.

E os pinguins, os dois, não aguentando ao estropício, sucumbem e abraçados caem de seu pedestal, lugar de honra na derradeira cerimônia. Em cima de uma mesa de bar morrem as únicas testemunhas dessa loucura!

E o Bar do Moa também.

P.Q.P. não digo! Coisa de bar.



ODILON GARCEZ¹⁴

A Casa Branca de Lalau Miranda

Sólita, olvidada, portas abertas, janelas escancaradas, calor de rachar ou invernia medonha, lá está ela, abandonada, a morada altaneira, bispando até onde a vista alcança, com seus olhar triste e vazio, aquela que foi um registro perene de um lar serrano e gaúcho, testemunha viva de um dia que já se foi, relicário de rodeios e marcações, aniversários, velórios, bailes e festas de São Sebastião.

Diziam muitos, daqueles tempos, que fora construída encastelada no alto da mais alta coxilha, visão panorâmica, dum tempo ainda, em que as matas verdejantes bordavam o arroio Quaraim, infestadas de índios Coroados, para defesa própria, e para manter suas roças e alimárias, bem perto dos olhos vigilantes do coronel Francisco, o patriarca de numerosa descendência, de brancos, pretos, índios e até paraguaios, de sobrenome Miranda.

Fazendola a perder de vista, naqueles tempos, coalhada de gadaria, foi armazém, pouso e negócios de tropeiros, guascas e birivas, quando patações e bolivianos, eram a moeda de troca para a compra e venda de muares, gado vacuum e para comprar açúcar, sal, armarinhos e outras necessidades, em Rio Pardo, a troco da erva, levada em longos

14 Odilon Garcez Ayres é natural de São Sepé, coxilhense e passo-fundense de coração. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, autor dos livros "Caboclo Serrano: em O Puchirão do Gé Picaço nas revoluções de 1923, 30 e 32" de 2008; "Oché y Sefé Tiarayú" de 2006 e "Cerrito do Ouro à Coxilha" de 2012 em versão eletrônica.



dias de carreteadas, que numa dessas levou o guri Estanislau para estudar, e voltar homem feito no saber das letras.

Dizem que o filho herdou a fazenda e as qualidades do pai, que andara como Voluntário da Pátria na Guerra da Tríplice Aliança, e criado que fora nas lides campeiras, era ginete dos pacholas, levado, aprontava floreios e gauchadas com pingo de lei, disposto e rico uma barbaridade, por qualquer lá... Me alcança um mate... De uma prenda “lindaça”, dava-lhe joias e pontas de gado, e com certeza lhe estendia o pala, e por cima ainda floreaava seu violão, sempre à mão, pendurado na laranjeira.

Sua fama, decantada em prosa e versos, num tempo em que nem estafeta percorria, correu léguas de distâncias, e o tempo e as proezas passadas, tornaram-se lendas na região do albardão do planalto serrano, que se derrama daqui até lá pelo arroio Iguariaça, e como andam juntas, justiça e mérito, depois da União Gaúcha de Pelotas, de Ijuí, do 35, surgiu em sua homenagem, em 1952 o Centro de Tradições Gauchas Lalau Miranda, hoje já meu sexagenário companheiro, que de tão forte e altaneiro, que era, e é, já elegeu de Vereador até Deputado Federal, e deu notoriedade a muita gente boa de Passo Fundo.

Quando da sua criação, os parentes fizeram a doação de um quadro a óleo do Lalau; da espada, e das dragonas do coronel; heranças daquela guerra e outras tantas coisas mais, por outros e outros, que viam naquele modesto galpão a reencarnação dos galpões das fazendas e das estâncias, onde se ouvia a viola, o violão e o bandolim, onde se dançava a Quadrilha, jogavam-se cavalladas de lança e argolinha, suas lides campeiras e seus entreveros guerreiros, diziam até que a Farroupilha foi uma “Revolução”, isto é, apenas um rebuliço bem grande, nada mais, e como esta palavra, as doações desapareceram no descuido, e na poeira do tempo, mas sobrou apenas, uma coisa, da maior importância, que ainda



até hoje, está lá, de pé, abandonada, pelos tradicionalistas e alcaides daqui e dali.

Não é cuidada, não é tombada, não é restaurada, não é cultuada, e não é lembrada!

Até parece que não é, e não foi nada para a história de Coxilha e Passo Fundo.

“A Casa Branca da Fazenda Branca de Estanislau de Barros Miranda”.

Odilon Garcez Ayres

Cadeira 38 da Academia Passo-Fundense de Letras.

NA.: Excertos do Livro “Cerrito do Ouro à Coxilha”, a ser lançado em 2012, pelo Projeto Passo Fundo – Apoio à Cultura.

Crônica em homenagem à Gilberto Pacheco, dileto filho de Vila Coxilha, Memorialista do Centro de Letras do Paraná, já publicada pela Revista Somando da Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo, Edição 182 – Ano XVI – Maio de 2012.



Tucanos em convenção

Odilon Garcez

Eles apareceram na zona sul de Passo Fundo, no dia 19 de agosto de 2002. Eram apenas três. No outro dia, uma manhã fria de inverno, mas ensolarada, trouxeram mais dois, perfazendo cinco.

Eu não sei o que eles vieram fazer aqui na minha casa, pois eu não sou tucano, sou do PMM (Partido do Mato ou Morro), mas, eles continuaram insistindo, me assediaram muitíssimas vezes, principalmente no inverno, talvez pensando que eu fosse fraquejar e me mudar para suas hostes.

Todos esses anos, eu tenho permanecido firme nas minhas convicções. Até a vizinhança, desconfiada, me perguntava, porque aqueles tucanos iam tanto lá em casa, será que estariam tramando alguma coisa mais séria? Quem sabe, pretendiam derrubar alguma rosa ou até alguma estrela.

Enfim, cansaram de me assediar e foram cantar não muito longe dali. Agora, há pouco, metade do mês de abril, resolveram os tucanos da zona sul de Passo Fundo fazer uma Convenção da pesada, para trocarem ideias estratégicas. Tal foi o que fizeram depois de muito deliberarem.

Reuniram-se, nos altos da Vila Reis, melhor dizendo, no início da vila Lucas Araújo.

Eu, de tocaia, de tanta convivência, pois já conhecia seus hábitos, os vi chegando no local da convenção, em pleno dia, cedo da tarde, quase uma hora. Chegou primeiro o chefão, depois mais um e mais outro, e eu contando, e não parava de chegar tucano, ao todo, contei dezessete.

A reunião foi agitadíssima, pois passaram o tempo todo, como fazem deputados e senadores, se movimentando de um lado para outro,



gesticulando, pulando e gritando, que, se eu não soubesse que era uma Convenção de Tucanos, juraria ser uma de macacos ou bugios.

A algazarra foi tanta, que juntou uma assistência de mais de cinquenta admiradores dos tucanos, até que, de repente, se fez silêncio, e o chefão que foi o primeiro a chegar, também foi o primeiro a sair. Batendo as asas de quase um metro de envergadura, transferiu a dita reunião, do centenário louro, de mais de trinta metros de altura, para uma sapopema perto dali, de onde, após alguns minutos, puseram em ação a estratégia decidida na convenção.

Cada grupo de dois ou três tomou um rumo diferente, um para cada matinho das cercanias, pois nesses tempos de escassez para os tucanos, qualquer frutinha de canjerana é uma lauta refeição.

Eu também saí de volta para casa, feliz da vida com a Convenção dos Tucanos, pois, a bem dizer ontem eram três, e agora já são dezessete. Pretos, de papos vermelhos e amarelos, bicos verdes, dando gritos, de atalaia, no alto das árvores que ainda restam no sul de Passo Fundo.

Dizem os sabiás: Enquanto houver tucanos, haverá vida!

Ao meu avô, Pacífico. 1º de maio de 2007.



PAULO MONTEIRO¹⁵

As Origens da Universidade de Passo Fundo

Antonio Donin foi uma das figuras mais importantes da história passo-fundense na segunda metade do século XX. Tive o prazer de conversar incontáveis vezes com o poeta, jornalista, professor, advogado e político, que ele era, tudo ao mesmo tempo, vinte e quatro horas por dia. Dele e dois outros professores, Sabino Santos e Edy Isaías, guardo as lições que recebi fora das salas de aula, pois não chegue a ser seus alunos em classe.

Durante as conversas com o professor Donin ele recordava os lances iniciais para que Passo Fundo dispusesse de ensino superior. Em Rio Grande, onde vivera durante algum tempo, antes de fixar-se definitivamente na terra do capitão Manoel das Neves, participara dos movimentos para criar a universidade local. Trouxe a inspiração e a experiência. Trabalhador incansável, articulador inexcelável, procurou unir todos os segmentos da sociedade passo-fundense em torno da criação de uma Universidade. E o conseguiu.

Nessa articulação, o Grêmio Passo-Fundense de Letras teve um papel primordial, importante, enquanto instituição organizada da sociedade civil. Em todas as reuniões os “gremistas” se destacam, em número e movimento. Os documentos da época demonstram-no à saciedade.

Na entrevista concedida à Água da Fonte (Ano 4 - nº 5 - Junho de 2007) Paulo Giongo, memória viva da história passo-fundense nos últimos

15 Paulo Monteiro, Escritor, Historiador, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e de outras entidades culturais do Brasil e do Exterior. Autor de “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo” de 2006; “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” de 2010; “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo” de 2011; “eu resisti também cantando” de 2012



setenta nos confirmou tudo o que o professor Antonio Donin narrava. “O professor Antônio Donin veio de Rio Grande, onde participara dos movimentos que levaram à criação das universidades daquela cidade e de Pelotas. Trouxe a experiência dessas mobilizações para Passo Fundo. Começou a promover reuniões com o objetivo de criar uma Universidade em Passo Fundo. Particpei de todos esses encontros, ora na redação de O Nacional, ora na redação do Diário da Manhã, na Rádio Passo Fundo e em clubes sociais. Com isso, toda a comunidade se uniu e, assim, foi possível o desenvolvimento do ensino universitário”, declarou textualmente Paulo Giongo.

A seguir, confirmando documentação existente nos arquivos da Academia Passo-Fundense de Letras, destacou a contribuição do Grêmio Passo-Fundense de Letras: “A participação foi intensa. Quase todos aqueles que abraçaram a idéia do professor Donin faziam parte do sodalício. Os integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras entenderam que o arrazoamento da minuta do telegrama, elaborada pelo professor Sabino Santos, merecia alterações e incumbiram Antonino Xavier e Oliveira de fazê-las. Feitas e aprovadas, o telegrama foi enviado a Getúlio Vargas, Quando, mais tarde, decidimos abrir processo para criar a Universidade de Passo Fundo, encontramos o processo aberto pelo Grêmio, hoje Academia Passo-Fundense de Letras, já em tramitação no Ministério de Educação e Cultura”.

A história dos telegramas começa no dia 3 de agosto de 1951, quando o professor Sabino Santos lê a minuta de um telegrama que deveria ser passado pelo Grêmio Passo-Fundense de Letras ao presidente Getúlio Vargas pleiteando a criação de uma universidade. O jornalista Túlio Fontoura, apoiando a emissão do telegrama, “propôs que o Grêmio desse ao deputado César Santos amplos poderes para tratar junto ao snr. Presidente do assunto em foco”. Decidiu-se fazer outra redação do telegrama, incumbência conferida ao historiador Antonino Xavier e Oliveira.



No dia 17 daquele mês foi aprovado o envio do seguinte ao presidente Vargas:

PRESIDENTE GETULIO VARGAS

PALCIO CATETE

RIO DE JANEIRO

PERMITA VOSENCIA GREMIO PASSOFUNDENSE LETRAS
INSTITUIDO 1939 E DESDE ENTAO PROPUGNANDO
DESENVOLVIMENTO CULTURA LOCAL VG RENDA HOMENAGEM
MUNICIPIO COMEMORA SEU NONAGESIMO QUARTO ANIVERSARIO
VG SOLICITANDO PRIMEIRO MAGISTRADO NAÇÃO TORNE EFETIVA
CRIAÇÃO UNIVERSIDADE PASSO FUNDO VG TANTO MAIS
NECESSARIA QUANTO CERTO ALEM POSIÇÃO CENTRAL CIDADE EM
VASTA E POPULOSA REGIAO RIOGRANDENSE VG CONTIGUIDADE
AMPLAS ZONAS OESTE SANTA CATARINA E SUL PARANA TAMBEM
ATENDIDAS TAO JUSTA E PATRIOTICA APSIRACAO VG CURSOS
SUPERIORES EXISTENTES ESTADO NAO COMPORTAM MATRICULA
NUMEROSOS SCANDIDATOS ANUALMENTE PREPARADOS
GINASIOS ESTA REGIAO PT RESPEITOSAS SAUDACOES

CELSO FIORI – PRESIDENTE

SABINO SANTOS – SECRETARIO

A resposta veio logo, noticiando a abertura do processo para a criação da Universidade de Passo Fundo, de que nos falou Paulo Giongo. Eis o telegrama do então secretário da Presidência, ainda existente nos arquivos da Academia Passo-Fundense de Letras:

OFF CELSO FIORI E SABINO SANTOS GREMIO
PASSOFUNDENSE LETRAS PFUNDORS

PALACIO CATTETE RIODV 14829 40 23 12



SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA INCUMBIU ME
COMUNICAR ASSUNTO SUA CORRESPONDENCIA FOI
ENCAMINHADO MINISTERIO EDUCACAO SAUDE PL 20/8/51 AFIM DE
SER DEVIDAMENTE APRECIADO PT PROTOCOLADO P R 71062 PT
SDS LOURIVAL FONTES SECRETARIO PRESIDENCIA

Os documentos aqui transcritos, comprovam a importância dos “imortais de Passo Fundo” para o desenvolvimento e o progresso do município, nas últimas sete décadas. Todas as iniciativas que deram certo ou surgiram dentro do prédio sede de número 792, da Avenida Brasil Oeste ou ali se desenvolveram.

A idéia da criação da Universidade de Passo Fundo, surgida na mente fecunda de Antonio Donin, encontrou solo fértil nos jardins da Academia Passo-Fundense de Letras, ali floresceu, vicejou e foi dar frutos em diversos pontos da região.



O passo-fundense que revolucionou o Brasil

Paulo Monteiro

O jornalismo brasileiro pode ser dividido em duas fases: antes de Tarso de Castro e depois de Tarso de Castro. Intolerante, bêbado, perdulário, mulherengo é assim definido por muitos que ainda fazem questão proclamar aos quatro ventos que eram amigos dele. O certo é que esse passo-fundense, nascido praticamente dentro do jornal *O Nacional*, no dia 11 de setembro de 1941, só é unanimidade num único ponto: foi um dos mais importantes Jornalistas - isso mesmo com *J grande* - que o país já teve.

Sônia Regina Schena Bertol, que estudou a vida e a obra de Tarso, numa dissertação de mestrado, sob o título de *Tarso de Castro, Editor de O Pasquim*, conta que ele se iniciou no jornalismo, aos 12 anos, como linotipista do jornal pertencente a seu pai, Múcio de Castro. O jornal era e continua bem comportado. Irreverência, apenas nos períodos em que Tarso escrevia no velho diário.

Assim foi logo depois do Natal de 1959, ao provocar uma desavença entre a família Castro e o bispo diocesano dom Cláudio Colling, que chegaria a arcebispo. Tarso respondeu a um artigo sobre o Natal, escrito pelo respeitado sacerdote, com uma crônica sob o título de *OBSERVANDO*, escrita sob o pseudônimo de *TeDeCê*. Foi o primeiro texto polêmico. E decisivo para seu futuro.

Para que as coisas se acalmassem, Tarso foi mandado como interno estudar no Colégio Rosário, em Porto Alegre. Ali, aos 17 anos, se tornou admirador de Samuel Wainer e Leonel Brizola e passou a trabalhar na sucursal da Última Hora, envolvendo-se na política e aperfeiçoando o aprendizado jornalístico iniciado em sua terra natal.



Em 1961 já estava no Rio de Janeiro, ajudando na fundação de *Panfleto*, jornal brizolista. Apesar da pouca duração, o periódico alcançou enorme tiragem graças à divulgação promovida pelos Grupos dos 11, organização popular temida pelos conservadores da época.

Após um curto período de exílio no Uruguai, ao lado de Brizola e Jango, Tarso retornou ao Rio, trabalhando em diversos jornais, até o lançamento de *O Pasquim*, a 26 de junho de 1969. Era um período difícil para a imprensa. Mesmo jornais que apoiaram a ascensão dos militares ao governo eram censurados. Aos jornalistas de oposição restava apenas o caminho de pequenas publicações. Daí o termos "alternativo" ou "nanico" com que esses jornais eram identificados. Além disso, preferiam o formato tablóide, que corresponde à metade dos jornais mais tradicionais.

À exceção de Millôr Fernandes, que se tornou inimigo fidalgo de Tarso, todos os seus contemporâneos são unânimes em afirmar que este foi o verdadeiro criador de *O Pasquim* e que o jornal acabaria contribuindo para mudar a cara da imprensa brasileira. Em pouco tempo chegou a tiragens semanais superiores a duzentos mil exemplares.

Tarso contribuiu para isso, com um texto inovador, muito próximo da linguagem coloquial. Sabia usar o humor, o palavrão, a ironia, fazendo escola. Seu texto, em muitos aspectos, se aproximava do que viria a se consolidar como uma característica da chamada "geração do mimeógrafo".

Mais do que um jornal, *O Pasquim* foi uma paixão. Prova o fato de que, mesmo durante a prisão da equipe de produção, a 10 de novembro de 1970, o jornal foi mantido pela ação de colaboradores. Tarso fugiu dos agentes do DOI-Codi pulando o muro e estabelecendo a redação clandestina numa casa ao lado da sede do semanário.

Somente foi preso, alguns dias depois, porque os agentes prenderam sua mulher, Bárbara Oppenheimer, forçando que ele se entregasse. A pressão pela libertação dos jornalistas foi muito grande. Tarso foi o último a ser libertado por não se ter dobrado às condições impostas pelos militares.



A equipe de *O Pasquim*, em 1970, conseguiu burlar a censura, explorando os pontos fracos dos censores. O primeiro censor era uma mulher alcoólatra, e passou a ser manipulada com doses generosas do melhor uísque; o segundo era um general que recebia os jornalistas numa *garçonnière*, cheia de moças bonitas. Eles argumentavam durante largo tempo até que ele deixava passar tudo para não perder a companhia feminina. Fizeram virar o feitiço contra o feiticeiro, usando táticas exploradas pelos agentes da repressão.

No começo de 1971, Tarso de Castro afastou-se de *O Pasquim* e o jornal começou sua decadência. Depois disso, passou por diversos jornais e editou os semanários *JÁ* e *Enfim*; *O Folhetim*, da Folha de São Paulo; a *Tribuna da Imprensa*; a revista *Careta* e *O Nacional*, no Rio de Janeiro.

Em 1979, a pedido de seu pai, retorna a Passo Fundo, contribuindo para revitalizar o jornal onde iniciou sua carreira. No ano seguinte já está de volta ao centro do país. Faleceu em São Paulo, no Hospital das Clínicas, em 20 de maio de 1991. Seu corpo, depois de embalsamado, foi velado na Assembléia Legislativa paulista e trasladado para Passo Fundo. Após velório no plenário da Câmara de Vereadores, foi sepultado em sua terra natal.

(PAULO MONTEIRO)

Tarso de Castro

FRANCO - Já foi moeda forte na França e atualmente exerce o cargo de diretor do Trânsito na Guanabara. Fracassou nas duas profissões. Na França, entretanto, graças ao espírito pioneiro de Charles De Gaulle, transformou-se em Franco Novo, com o que conseguiu salvar-se. Aqui, entretanto, continuamos com o velho Franco que, mesmo sendo



fraco, atrapalha a todos com grande energia. Existem, ainda, outras grandes afinidades entre o Franco Novo francês e o Franco brasileiro. O de lá parece ter-se desvalorizado, devido ao desengarramento, isto é, os franceses bebem vinho demais. O que prejudica a exportação. O daqui desvalorizou-se pelo engarramento, que se transformou em grande atração turística carioca. Os dois Francos se encontram também alinhados no esquema de produção. O Franco francês é que financia a construção dos aviões "Mirage", mas não é bem sucedido, uma vez que de uma maneira geral tais aparelhos continuam voando. No Brasil, o Franco transformou-se num dos principais incentivadores da indústria automobilística, depois de ter estabelecido entre os cariocas um verdadeiro recorde de acidentes, nos quais os automóveis ficaram inteiramente inutilizados - o que forçou um rápido aumento da produção. Agora, há uma diferença entre os dois Francos, que deve ser notada: o daqui fala.

ANTÍQVA - De "Banda Antíqva", que se vai apresentar numa promoção do PASQUIM, no Cine-Teatro Poeira, de Ipanema, bairro que se tomou famoso porque chegou a 60 muito antes do calendário indicar. O espetáculo será dia 28, às 24 horas, já se sabendo, de antemão, que o conjunto toca músicas medievais, o que se constitui numa novidade imensa, de vez que só mesmo Austregésilo de Athayde conhece as versões originais da música. Nos intervalos haverá farta distribuição de uísque, produto que há anos vem garantindo o sucesso de muitas noites de autógrafos, mesmo em se tratando de livros de J. G. de Araújo Jorge, José Mauro de Vasconcelos e outros imbecis. Uma grande pedida.

ATHAYDE - De Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras e autor de um excelente livro, por sinal o mais lido entre os imortais. Trata-se da lista de telefones reservados, à qual só têm acesso os demais imortais devido à morte de seus antecessores. O próximo a morrer dará lugar a outro imortal.



(...)

POLÍTICA - De antiguidade. Arte bastante praticada em certa época no Brasil, especialmente pelos políticos. Políticos eram aqueles que faziam política e, assim sendo chamados, sentiam-se orgulhosos. Hoje o termo virou quase ofensa, mas devido especialmente à falta de informações sobre onde andam os ditos políticos. Em qualquer casa de antiguidades você pode encontrar um Dinarte Mariz ou um Arnaldo Cerdeira por preço de ocasião.

VERDES - De "Boinas Verdes", filme romântico-musical norte-americano, no qual o conhecido ator John Wayne, herói da segunda guerra mundial - bateu recorde em matéria de desculpas para não ir lutar no front -, demonstra por A mais Z que os Estados Unidos estão vencendo a guerra no Vietnã. O filme tem duas vantagens (ou verdades): 1) Demonstra que os vietcongs não são de nada; 2) O que, por sua vez, demonstra que a imprensa é mentirosa. No Brasil, o filme está fazendo muito sucesso. E o faria também em Saigon, no cineminha da embaixada americana se a temporada não tivesse sido interrompida quando os norte-vietnamitas tomaram a sede daquela representação diplomática.

TEATRO - De Teatro de Bolso. Revolucionária Casa de Espetáculos existente no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Com uma lotação de trezentos lugares, o espetáculo é feito por pelas outras pessoas que se concentram nos corredores, na beira do palco, no apoio de uma poltrona, às vezes no colo de sua mulher e até - em se tratando de gente sofisticada no seu colo. O teatro oferece algumas surpresas, também: outro dia um espectador conseguiu em dado momento ver Gal Costa cantando num canto do teatro.

(...)



(Textos compilados a partir de Sônia Regina Schena Bertol: *Tarso de Castro*, editor de *O Pasquim*, 1999)



A maldição dos corpos-secos e os jovens escritores

Paulo Monteiro

Aos treze anos, vivi uma das experiências mais interessantes, quando estudava na atual Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Minha professora de Língua Portuguesa, Zilka Neff Rosa, promovia a edição de um jornal escolar, impresso em mimeógrafo à tinta, intitulado Fagundes em Foco. Solicitou-nos que escrevêssemos sobre qualquer tema, em prosa ou verso, para publicação no jornal.

Como eu vivia improvisando a partir do que ouvia de meu avô materno, Álvaro Soares da Silva, cuja memória encerrava poemas e quadras ouvidos nas pousadas de tropeiro, e nos acampamentos da Revolução de 23 e da Coluna Prestes, escrevi e mostrei um poema à mestra. Dona Zilka, efetuadas as devidas correções e aproveitando para ministrar-me as primeiras lições de versificação, publicou aquela primícias poética. O sucesso foi imediato. Passei a ser chamado de “poeta”. E não parei mais.

Alguns desses poemas iniciais acabaram nas páginas do Diário da Manhã e de O Nacional, despertando a atenção de outro jovem poeta, Ubiratan Porto, que me procurou. Liguei-me a outros poetas, um pouco mais velhos. Comecei a participar de suas reuniões, culminando com a fundação do Grupo Literário “Nova Geração”, em 29 de julho de 1971. Nesse meio tempo descobri a Academia Passo-Fundense de Letras e, nela, a figura generosa da professora Delma Rosendo Gehn. Ali encontrei os poetas Ricardo Stolfo, Romeu Pithan, Benedito Hespanha, Tenebro dos Santos Moura, Antonio Domin e Jurema Carpes do Valle, entre outros.

Na Academia Passo-Fundense de Letras daqueles tempos, em cujas dependências funcionava a Biblioteca Pública Municipal, aprendi muito na convivência com escritores mais velhos. Era uma casa aberta à



mocidade. Outra figura importante era o professor Sabino Santos, com quem muito aprendi, aproveitando períodos vagos no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, para onde me transferi posteriormente. Muito cafezinho tomei com aquele querido mestre, recebido afetuosamente no seu escritório.

Na Biblioteca Pública ouvi muitas histórias de Dorival de Almeida Guedes, avô de alguns contemporâneos como o hoje advogado Flávio Luiz Algarve. Li clássicos, cujos livros desapareceram. Convivi com os trovadores galego-portugueses, com os mestres da Língua Portuguesa, de Gil Vicente a Camilo Castelo Branco. E exercitei o francês da escola, lendo volumes da Patrologia Grega e Latina, que desapareceram misteriosamente, anos depois. Um crime que me revolta e me deixa deprimido quando entro no atual prédio daquela biblioteca.

A convivência com os mais velhos, em minha adolescência, gravou no mais fundo de minha alma a convicção de que todas as gerações de intelectuais precisam viver no mesmo meio. A máxima de Voltaire: “Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo” deve constituir-se no único artigo a reger essa convivência. Poetas e prosadores, independentemente do que escrevam devem respeitar-se uns aos outros. O debate de ideias, sejam quais forem, precisa ser permitido. Assim como somos, do ponto de vista físico, produtos do choque de um espermatozoide e óvulo, somos, intelectualmente falando, conseqüências de ideias antitéticas.

Quando presidi a Academia Passo-Fundense de Letras, uma de minhas primeiras medidas foi encher a Casa de jovens, a começar por minhas filhas. Comigo elas estiveram do primeiro ao último dia de minha gestão. Assim, quando a 24 de fevereiro de 2010 aqui estiveram o presidente da Academia Literária Gaúcha, José Moreira da Silva, e o coordenador executivo nacional da Casa do Poeta Brasileiro, Joaquim Monks, ficaram boquiabertos com a grande presença de jovens na sessão solene em que transmiti a presidência do Sodalício à confreira Elisabeth Souza Ferreira. “Isto não acontece em Porto Alegre”, repetiam.



Recentemente, no dia 12 de novembro de 2011, no recinto da 25ª Feira do Livro, o poeta e historiador Wilson Tubino, também da Capital do Estado, vendo a grande quantidade de jovens escritores passo-fundenses repetia: “Isto não acontece em Porto Alegre”. E sei disso, pois há quase quatro décadas acompanho o movimento cultural da “metrópole dos pampas”, mas a maioria de nossos concidadãos desconhece esse fato.

Graças ao Projeto Passo Fundo não perdi a convivência com jovens escritores. Do meu tempo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras sobreviveu o contato frequente com os jovens escritores Diego Chimango, Débora De Marco, autora de um livro lançado na recente Feira do Livro local, e Suélen Camargo, que produziu a capa de meu primeiro livro, *A Trova no Espírito Santo – História e Antologia* –, em sua reedição virtual pelo Projeto Passo Fundo. Nesse projeto, além da convivência com Diego e Suélen, tenho me encontrado com Leonardo Nunes Nunes, outro jovem escritor que conheci, durante meu mandato à frente da Academia, e outro guri brilhante, Victor Scofield, que acaba de publicar a novela *Gênios (a origem)*, graças ao Projeto Passo Fundo.

Precisamos acabar com os maus hábitos – expressão que aprendi com meu confrade, amigo e conselheiro Getúlio Vargas Zauza. E um dos maus hábitos é nos considerarmos donos de entidades e instituições. Contrariando um princípio ético, no ano passado, uma jovem escritora foi impedida de entrar numa de nossas instituições culturais. Queria apenas falar com um consócio. O pior é que a pessoa boçal nem faz parte da confraria...

As portas de todas as entidades e instituições culturais devem ser abertas aos mais jovens. Caso contrário, esses centros de cultura continuarão sendo verdadeiros mausoléus. E nós, mais velhos, continuaremos sendo vistos como verdadeiros corpos-secos.

Para quem não sabe o que é corpo-seco, reza a tradição popular que certas pessoas de tão más acabam morrendo em locais ermos, onde, tempos depois, acabam sendo encontradas mumificadas e até cobertas de barbas-de-pau.



Por isso, é que me sinto muitíssimo confortável nas reuniões informais do Projeto Passo Fundo. Ali se encontram, como verdadeiros confrades, quatro gerações de escritores.



TÂNIA DU BOIS¹⁶

Vida e Poesia: Ziza Trein

“Onde está aquela menina / que andava de mãos dadas com o pai / pelos trilhos de trem?...”

Foi no período de 1923 a 1981 que a poetiza passofundense, Ziza de Araújo Trein, escreveu o livro *VIDA e POESIA*. A obra é dividida em duas partes: *Poesias Ingênuas* e *Na Andança da Vida*.

Considero o livro de imperdível leitura, pois, ao criar arte, naquela época, ela revela com palavras mágicas as experiências vividas, deixando transparecer na linguagem poética também o amor pela sua Pátria. *“Brasil, meu Brasil // És tão grande, tão nobre e generoso!...”* ela se refere à Segunda Guerra Mundial, onde alguns imigrantes alemães desrespeitaram a nossa Bandeira: *“Mais do que tudo que fizeram, / Foi terem ultrajado o Sacrossanto / Pavilhão deste povo brasileiro!...”*

Diante das circunstâncias da vida, para conhecer o mundo, optou por viagens a Berlim, Paris e Bruxelas (1977), e as teve como suporte da sua obra, que por vezes, foi ousada por não se fazer calar, como no poema *“Viagem”*: *“Todo ser humano é semeador constante / No campo imenso deste mundo – terra. / Tudo o que semeares, seja Bem ou Mal / o*

16 TÂNIA DU BOIS (Sarandi, RS). Residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora dos poemas de Pedro Du Bois, e capista dos seus livros. Colunista do Jornal Correio do Município (Itapema, SC); colabora n'A Revista de Santa Catarina, e do Projeto Passo Fundo.



fará na tua própria seara // ...As mesmas sementes voltarão / E no teu próprio caminho / Irão nascer!”

Para compreender o que ela pensava e sentia sobre a sua terra natal, Passo Fundo, a poetiza conta do “*Meu Rincão*”: “*Meu coração nesta hora / É uma acordeona chorona / Neste galpão que é o meu peito, / contando em versos.../ o que sei deste rincão. //Deste rincão que surgiu / Porque o tropeiro cansado / Pousava aqui p’ra o descanso. / e, ali, na beira do rio...// E, onde está agora esse rio, / Que tinha um passo tão fundo / Que deu o nome da cidade?...// Vem também tu, forasteiro, / Tropeando a vida no mundo? / Este é o lugar da pousada, / É aqui mesmo o Passo-Fundo”.*

No sagrado direito de expressão, sua obra tem significado especial. Faz registros de um tempo em que a força do seu pensamento e da sua juventude ficou concentrada em sua poesia. Ainda, teve a coragem para realizá-la quando o silêncio era o abrigo mais seguro.

Nas Andanças da Vida, foi movida pelo lema “*Viver para Servir*”: “*Para aqueles que te pedem pão/ Tens sempre alguma coisa para repartir. / Sempre alegre, sempre sorrindo, / Que importa as dores.../ Se estás feliz, muito feliz / No prazer que tens em estar servindo?...”*

A poesia de Ziza contribui para nos aproximar daquela realidade e a entender a liberdade que ela teve ao escrever seu livro. Criou a oportunidade de expressar seu convívio, levando o leitor a fazer uma viagem ao seu tempo, através dos aspectos mencionados no desenvolvimento literário com as relações vivenciais, a capacidade de compartilhar seu amor e seus sonhos, deixando ao leitor repensar o dia a dia e, ainda, alimentar esperanças em relação ao sentimento pátrio, favorecendo o crescimento pessoal e cultural – essência da vida em sociedade. É nesse emaranhado de épocas que, “*Onde*”, Ziza expressou a sua arte: “*A menina hoje anda sozinha / pelos trilhos da vida...// O tempo alvejou seus cabelo / e riscou de rugas o seu rosto / Mas sempre a mesma menina. /Que escreveu tolas poesias ingênuas!”*



XIKO GARCIA¹⁷

Praça Marechal Floriano: Poesia... História e Estórias...

Tem quem diz que águas passadas não movem moinhos. Também que, quem faz visitas a locais históricos ou gosta de reverenciar ou falar disso, é turista de cemitério ou museu... Como frase de efeito imediato, até não contesto. Porém, quem não considera o passado como parte integrante do seu eu, creio que passou pela vida como aqueles gravadores que, quando acionados na fita magnética, nada gravavam, apenas davam a falsa impressão de que tudo estava documentalmente gravado... Imaginem alguém que guarda uma fita desta, sem ter conferido se ela é portadora de uma ocorrência que nos significou muito, por qualquer motivo...

E quando, depois de muito tempo, por qualquer circunstância, vamos ao seu encontro, convictos de que lá está o que queremos... Mas, ao acionarmos o aparelho, nada ouvimos... e concluímos que, na realidade, nada mais temos para recordar. O que foi importante naquela época, o que foi positivo ou negativo, no nosso passado, será a mesma coisa, no nosso futuro... Como sou alguém que não quero ter qualquer aparelho que me falhe, no momento que mais preciso... Acho que gravei bem meu passado, dentro do possível vivo o presente, como inspiração para embasar o futuro... Com isto quero dizer que conheci a cidade de Passo Fundo, com aproximadamente dez anos de idade, e isto foi um verdadeiro sonho para um menino que vivia na roça... Entre tantas coisas, que o gravador de minha mente gravou, em fita muito especial, foi a nossa

17 Francisco Mello Garcia, Compositor, Escritor, Palestrante, Cantor e Poeta. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Atualmente faz parte com outros autores de dez livros. Individualmente é autor do livro "Vivências" e do CD "Vivências e Reflexos da Vida".



Praça Marechal Floriano, e de forma muito destacada, o lago que ainda hoje ali permanece. Nele existiam muitos peixes coloridos e de vários tamanhos, amarelos, vermelhos e alguns que ostentavam até três cores, vermelho amarelo e branco... Além disso, belos canteiros com flores, também de tantas cores, entre uma vegetação verde, que era e ainda é o que predomina no ambiente...

Após alguns anos, vim definitivamente morar nesta estimada cidade, bem como desfrutar do que ali funcionava como lazer, recreação e religião... Tudo ao redor da Praça Marechal Floriano, pois quem for de minha faixa de idade e o gravador da mente funcionou bem, será que não tem gravado na fita da saudade, as entradas e saídas dos cinemas Real, Imperial e Pampa, os restaurantes, cafés e casas de jogos que ali funcionavam, as missas da Catedral em diferentes horários, sendo que a das dez horas da manhã de domingo tinha um glamour especial, pois, após seu término, havia um desfile de quem, romanticamente, estava se dispondo a encontrar o preenchimento de algum sonho íntimo. O mesmo era feito antes e após as saídas dos cinemas... Porém, tudo isto tem um registro de coisas do passado, mas na essência, não o é, pois nossa praça ali está eu também ainda por aqui estou e tantos outros e outras. Também é verdade que muitos já se foram, a exemplo do inesquecível Peri, que guarnecia a praça com tanta dedicação e carinho, como se ela fosse sua propriedade particular... Porém, como acho que neste mundo pouca coisa é realmente da gente, aproveito para documentar, através de uma poesia, o que significa para mim a praça principal de Passo Fundo, considerando que nem da própria vida somos donos. A praça vai continuar participando do presente e do futuro de muitos, mas, com certeza, para todos que sejam seres vivos e pertencentes à comunidade de Passo Fundo, e sabem que a Praça Marechal Floriano é um centro de reflexão, meditação e paixão, para quem, de alguma forma, ama esta terra.

Porém, se considerarmos só o presente e o futuro, gostando ou não, e que um dia tudo o que aconteceu estará no passado, com certeza eu mesmo não estarei mais aqui para contar história ou estórias em forma



de poesia, como a que segue... Mas, se alguém se lembrar de mim no futuro, que seja como poeta, em respeito aos historiadores...

POSFÁCIO

O Projeto Passo Fundo, que chegou abrindo espaço para escritores consagrados e a novos talentos, lavra um tento ao lançar esta Coletânea de Crônicas, 2012.

A seleção foi pinçada no acervo do Projeto com extrema competência e bom gosto pelo organizador, o poeta e escritor, Miguel Guggiana.

São 18 escritores em 26 crônicas, bem urdidas, em que a qualidade e a energia próprias do escritor Gaúcho levam os leitores a vivenciarem em agradável leveza e emoção histórias e estórias de personagens e recantos de Passo Fundo.

Ao ler esta coletânea fiquei maravilhado, saudoso em lembranças... Quantas recordações!

Como é gostoso trazer a memória: o futebol do Sport Clube Gaúcho (timaço!), liderado pelo xerife Daison Pontes, raçudo, impondo-se pelos campos do Rio Grande; Ah! As lindas normalistas, vestidas de azul e branco, que nos inspiravam e faziam nossos corações dispararem quando subiam pela Avenida Brasil e se espalhavam pela Praça em um desfile balanceado; O andejar pela Praça Marechal Floriano passando pelo Café Elite, Bar Oasis, lojas, cinemas; e, a saga da Revolução Federalista na histórica Batalha do Pulador.

É uma literatura para ser lida e relida inúmeras vezes, pois cada cantinho, de cada crônica, esconde detalhes, sonhos, esperanças, novidades...

A magia do ler se revigora com este lançamento, que deixa ao final aquele gostinho de quero mais!

Telmo Mário D. Gosch





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Miguel Guggiana nasceu em Uruguiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992.

Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário no ramo imobiliário. Na área da escrita considera-

“Desta forma, o Cabo Fredolino Chimango foi chamado a incorporar-se à 1ª Divisão de Infantaria do Exército, mas sua convocação não chegou a tempo pelo mesmo residir no interior de Passo Fundo.”

Diego Chimango

“A origem do seu mal era desconhecida. Havia rumores que JC fora da aeronáutica, que um acidente o deixara inutilizado.”

Julio Perez

“Pois foi neste local, por onde a população passava para ir à missa, ao hospital ou ao cemitério, que surgiu, não se sabe de onde, uma quadrilha de assaltantes constituída de uns oito ou dez elementos que ali se amoitavam.”

Lindolfo Kurtz

“Mas Daizon não era só violência. Ele também jogava bola. Em 1963 trocou o Cruzeiro pelo Flamengo do Rio de Janeiro.”

Lucas Scherer.

“Quem chegasse ao Bar Oásis, há alguns anos atrás, e perguntasse. Alguém conhece o Aguir Mathéo? Certamente ninguém saberia.”

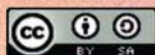
Marco Antonio Damian.

“Sólita, olvidada, portas abertas, janelas escancaradas, calor de rachar ou invernia medonha, lá está ela, abandonada, a morada altaneira, bispando até onde a vista alcança...”

Odilon Garcez.



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre.



Projeto
Passo Fundo
Apóio à cultura



978-85-8326-010-3